

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:

PERSPECTIVAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

**ALLAN DIÊGO RODRIGUES FIGUEIREDO
TYAGO HENRIQUE ALVES SARAIVA CIPRIANO**
Organizadores



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:

PERSPECTIVAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

ALLAN DIÊGO RODRIGUES FIGUEIREDO
TYAGO HENRIQUE ALVES SARAIVA CIPRIANO
Organizadores



Editor Chefe

Ivanio Folmer

Bibliotecária

Eliete Marques da Silva

Revisora Técnica

Gabriella Eldereti Machado

Diagramação

Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa

www.canva.com

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI

Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR

Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR

Profa. Dra. Andréia Bulaty -UNESPAR

Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC

Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS

Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS

Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE

Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio -UFRGS

Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP

Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN

Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA

Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN

Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE

Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT

Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL

Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch -UFSM

Profa. Dra Liziany Müller Medeiros - UFSM

Profa. Dra Marcela Mary José da Silva - UFRB

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM

Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS

Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO

Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB

Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC

Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS

Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS

Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ

Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB

Prof. Dr Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação de Jovens e Adultos [livro eletrônico] :
perspectivas e desafios contemporâneos /
Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo, Tyago Henrique
Alves Saraiva Cipriano, organizadores. --
Santa Maria, RS : Arco Editores, 2024.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-396-4

1. Educação - Finalidade e objetivos 2. Educação
de Jovens e Adultos I. Figueiredo, Allan Diêgo
Rodrigues. II. Cipriano, Tyago Henrique Alves
Saraiva.

24-240842

CDD-374

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação de jovens e adultos 374

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



10.48209/978-65-5417-396-4

Esta obra é de acesso aberto.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte
e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



Agradecimento(s)...

Aos nossos pais, familiares e amigos, estendemos nossa mais profunda gratidão pelo apoio incondicional e pela confiança depositada em nossos sonhos de cursar a Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Dr^a Josefina Demes, Floriano-PI. Este e-book é fruto da motivação e do incentivo que florescem do ideal de que a educação seja, de fato, para todos e todas.

Nossa sincera gratidão também vai para os professores e professoras que, desde a Educação Básica até hoje na Graduação, nos acompanham com dedicação e compromisso, fortalecendo nossa trajetória acadêmica e pessoal. Vocês nos inspiram na construção de conhecimentos que não apenas qualificam nossa formação profissional, mas também ampliam nosso senso de responsabilidade social.

Agradecemos, igualmente, a todos/as os/as professores/as que atuam incansavelmente na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nosso reconhecimento e respeito estendem-se também aos/às estudantes da EJA, que, com suas histórias e perseverança, ensinam-nos que nunca é tarde para retornar aos espaços transformadores da escola. Suas trajetórias inspiram resistência e superação, mostrando como a educação possibilita o rompimento das relações de opressão e promove o protagonismo social, por meio da leitura do mundo e da palavra.

O público da EJA é composto por jovens e adultos com uma História (...) que tem que ser reconhecida, para acertar com projetos que deem conta de sua realidade e de sua condição. Sabemos muito pouco sobre a construção dessa juventude, desses jovens e adultos populares com trajetórias humanas cada vez mais precarizadas. (...) Não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos [e idosos] com rostos, com histórias, com cor, com trajetórias sócio étnico-raciais, do campo, da periferia (Arroyo, 2006, p. 22).

SUMÁRIO

Prefácio.....9

Palavras para Começar.....12

CAPÍTULO 1

Do Lar até a Escola: A Educação de Jovens e Adultos como um Espaço-Tempo para o Empoderamento das Mulheres.....15

Darlane Santos Silva

Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

doi: 10.48209/978-65-5417-396-0

CAPÍTULO 2

O Percurso da Educação de Jovens e Adultos ao Longo da História Educacional Brasileira.....24

Annalice Feitosa de Oliveira

Verônica Matos da Silva

doi: 10.48209/978-65-5417-396-1

CAPÍTULO 3

As Contribuições da Pedagogia Freireana para a Práxis Pedagógica dos/as Professores/as da EJA.....34

Gabriel Freitas Soares

Vanessa da Silva Sousa

doi: 10.48209/978-65-5417-396-2

CAPÍTULO 4

Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).....41

Iana Rodrigues do Nascimento

Jacikely de Sousa Silva

Marcilene Guimarães Carvalho

doi: 10.48209/978-65-5417-396-3

CAPÍTULO 5

A Prática Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos.....49

Jocimara Costa de Sousa

Maristânia da Costa Carvalho Souza

doi: 10.48209/978-65-5417-396-5

CAPÍTULO 6

Os Desafios Enfrentados pelos Docentes na Educação de Jovens e Adultos.....57

Hemily Tainara da Costa Duarte

Jasminy Graicianny Alves Vieira

doi: 10.48209/978-65-5417-396-6

CAPÍTULO 7

As Metodologias ativas na Prática Docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA).....68

Deisiany Marques Lima

Lucineide Castro Rocha

doi: 10.48209/978-65-5417-396-7

Considerações Finais.....77

Sobre os Organizadores.....78

Sobre os/as Autores/as.....80

PREFÁCIO

*Prefácio Escrito por
Maria Fernanda dos Santos Alencar*

Trabalhar, estudar, escrever, pensar e refletir a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é se posicionar politicamente por uma concepção de educação como prática de liberdade, que se paute numa práxis pedagógica emancipadora, crítica, problematizadora e, principalmente, humanizadora que assuma objetivos de transformação: transformação dos sujeitos, professores, gestores e estudantes da EJA e da realidade social, econômica e cultural que oprime (Freire, 2020).

Mediante essa perspectiva, não podemos restringir a EJA, conforme coloca Souza (2003), a processos escolares, tratando-a apenas como modalidade da educação básica dirigida às pessoas “que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria [...]” (Brasil, 1996); no atendimento a currículos formais desligados das realidades vivenciadas, aprendidas e experienciadas dos estudantes jovens, adultos e idosos da EJA.

A EJA tem um papel relevante no processo de formação dos(as) trabalhadores(as), assentados(as), mulheres, homens, jovens e idosos(as) que trazem para dentro da escola e dos espaços onde se materializa a EJA a relação com as realidades imediatas de cada um e uma, reestruturando saberes, conteúdos e o entendimento e finalidade da educação, da Educação de Jovens e Adultos e da escola. Neste contexto, Souza (2003, p.18) entende que a EJA é um “[...] processo educativo escolar explicitamente vinculado às realidades e ações culturais, políticas e produtivas dos educandos jovens e adultos e (idosos)”; salientando esse autor que, a partir desse entendimento, a escola deva, por ter o dever de efetivar a educação escolar básica, contribuir com o processo educati-

vo necessário dos(as) estudantes. Assim, devemos refletir: qual a finalidade do processo educativo da EJA? Que processo(s) educativo(s) reflete(m) a realidade concreta dos estudantes, na condição de sujeitos reais, históricos, em seus processos de humanização?

Nesse caminho de reflexões e de produção do conhecimento, o livro ‘Educação de Jovens e Adultos: perspectivas e desafios contemporâneos’, organizado pelo Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo e pelo Prof. Me. Tyago Henrique Alves Saraiva Cipriano, resultado dos estudos desenvolvidos no componente curricular Educação de Jovens e Adultos - EJA, numa práxis pedagógica coletiva com os/as licenciandos/as do Curso de Licenciatura em Pedagogia, possibilita dialogar sobre questões colocadas por mim em diálogo com os professores Paulo Freire e João Francisco de Souza, que vivenciaram e pensaram uma educação para aqueles e aquelas aos quais foi negado o direito constitucional da educação escolar.

Assim, temas como o espaço-tempo educativo transformador da EJA como possibilitador do empoderamento das mulheres; o processo histórico da EJA e o legado de Paulo Freire na e para a práxis pedagógica dos/as professores/as; a formação de professores/as e o contexto sociopolítico dos estudantes; os desafios que ensejam o contexto educacional da EJA, as estratégias e currículos outros para sujeitos outros, se organizam e se estruturam numa discussão e debate importante sobre o lugar e finalidade da EJA no processo de formação crítico-humanizadora. Desta forma, este processo de escrita pedagógico-educador, produzido pelo Prof. Dr. Allan Figueiredo, junto com o seu colega de docência Prof. Me. Tyago Henrique Alves Saraiva Cipriano e seus e suas estudantes, faz-nos aprofundar nossas teorias e práticas sobre os desafios e o que fazer em Educação de Jovens e Adultos, numa lembrança e empréstimo à referência do livro de Paulo Freire e Adriano Nogueira ‘Que fazer: teoria e prática em Educação Popular’.

Profa. Dra. Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

Referências

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

SOUZA, João Francisco de. Re-inventar a Educação de Jovens e Adultos. In: Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular (NUPEP). **Proposta Curricular – Re-inventando a Educação de Jovens e Adultos: uma modalidade própria de educação básica-Ensino Fundamental**, UFPE: Recife, Edições Bagaço, 2003.

PALAVRAS PARA COMEÇAR

O presente e-book, intitulado “Educação de Jovens e Adultos: perspectivas e desafios contemporâneos”, é resultado de uma construção coletiva dos/as licenciandos/as do Curso de Licenciatura em Pedagogia, a partir do componente curricular Educação de Jovens e Adultos - EJA, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, *Campus* Dr^a Josefina Demes, de Floriano – PI. Com uma população de 62.036 habitantes, segundo dados da pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, do ano de 2022, Floriano é um município do estado do Piauí, situado na Zona do Médio Parnaíba, à margem direita desse mesmo rio.

Localizada a 240 km da capital, Teresina, a cidade constitui-se como um ponto privilegiado de passagem para o sul e o sudeste do estado. De acordo com os dados do IBGE (2022), Floriano é a quinta cidade mais rica do Piauí, com um Produto Interno Bruto de 778 mil reais, e tem no setor de serviços o mais importante na economia do município. Além do comércio, os serviços de saúde também vêm se tornando um grande fator atrativo para o município. Outro fator de destaque é a sua fama como polo educacional, com uma vasta rede de ensino, sobretudo em nível técnico e superior, como o *Campus* Dr^a Josefina Demes, da UESPI, instalado na cidade em 1993.

A reflexão intitulada “*Do lar até a escola: a Educação de Jovens e Adultos como um espaço-tempo para o empoderamento das mulheres*” é o texto que abre a sequência de estudos apresentados neste e-book. Nele, Darlane Santos Silva e Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo discorrem sobre como a EJA representa um espaço-tempo educativo transformador, que possibilita o empoderamento das mulheres ao permitir-lhes retomar a educação formal e ressignificar suas vivências pessoais e coletivas, rompendo barreiras impostas por trajetórias de exclusão escolar e restrições sociais.

No segundo capítulo, Annalice Feitosa de Oliveira e Verônica Matos da Silva refletem sobre o percurso da Educação de Jovens e Adultos ao longo da história educacional brasileira, desde suas origens até as abordagens contemporâneas, identificando os principais marcos, políticas e práticas que influenciaram seu desenvolvimento. O capítulo 3, escrito por Gabriel Freitas Soares e Vanessa da Silva Sousa, apresenta um estudo sobre as contribuições do pensamento de Paulo Freire para a práxis pedagógica dos/as professores/as da EJA.

A formação docente é o objeto da reflexão desenvolvida no quarto capítulo, escrito por Iana Rodrigues do Nascimento, Jacikely de Sousa Silva e Marcilene Guimarães Carvalho. As autoras investigam de que maneira a formação de professores/as da Educação de Jovens e Adultos auxilia os profissionais da EJA a sensibilizar-se com o contexto social e político dos estudantes. No capítulo 5, Jocimara Costa de Sousa e Maristânia da Costa Carvalho Souza refletem sobre as práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no atual contexto brasileiro, analisando se estão realizando efetivamente o propósito da modalidade, focando no desafio que é superar o analfabetismo, que, infelizmente, ainda apresenta índices preocupantes no país.

Os desafios enfrentados pelos docentes na Educação de Jovens e Adultos no Brasil são, também, objeto da reflexão de Hemily Tainara da Costa Duarte e Jasminy Graicianny Alves Vieira, no capítulo 06 deste e-book. As autoras analisam o contexto educacional da EJA, com os seus desafios significativos, que demandam dos docentes habilidades, compreensão e dedicação especiais. No sétimo capítulo, por sua vez, Deisiany Marques Lima e Lucineide Castro Rocha apresentam o seu estudo sobre as Metodologias Ativas na prática docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), ressaltando a necessidade de que os/as educadores/as estejam familiarizados/as com essas metodologias e capacitados/as, para que possam adaptá-las às características dos/as estudantes que são o público-alvo desta modalidade, auxiliando na superação de possíveis desafios e dificuldades de aprendizagem, ao promover um ensino contextualizado e inclusivo.

Convidamos os/as leitores/as a participarem desse itinerário de reflexão acadêmica sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), reafirmando a nossa certeza de que é possível esperar e sonhar com uma educação que promova a inclusão e a reintegração cidadã de jovens, adultos e idosos que não puderam estudar no passado, na idade regular, por razões que as suas vidas, suas histórias e contextos não permitiram. Esperancemos!

Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Prof. Me. Tyago Henrique Alves Saraiva Cipriano

Florianópolis - PI, 19 de outubro de 2024.

Dia do Piauí

CAPÍTULO 1

DO LAR ATÉ A ESCOLA: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO UM ESPAÇO-TEMPO PARA O EMPODERAMENTO DAS MULHERES

Darlane Santos Silva

Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Doi: 10.48209/978-65-5417-396-0

Introdução

Ao longo da história, a educação formal e informal ocupou um papel fundamental na construção das identidades e trajetórias das mulheres, definindo limites e possibilidades que, ainda hoje, orientam a vivência e expressão do gênero feminino em sociedade (Lima; Wiese; Haracemiv, 2021). No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se configura como uma alternativa para aquelas que, por razões diversas, foram excluídas do sistema educacional formal (Xavier, 2019). Esse contexto se agrava quando se considera as interseccionalidades de gênero, classe e etnia, que amplificam as vulnerabilidades enfrentadas pelas mulheres em situação de analfabetismo ou baixa escolarização.

A partir desse contexto, delimitou-se como problemática orientadora desta investigação: De que maneira a EJA pode representar uma oportunidade concreta para o empoderamento feminino, sobretudo para mulheres em situação de vulnerabilidade social? Neste sentido, objetivou-se compreender

de que forma a EJA se configura como um espaço-tempo que contribui para o empoderamento das mulheres, buscando evidenciar o potencial do ensino como caminho de transformação pessoal e social. A pesquisa se fundamenta em uma revisão bibliográfica recente, considerando estudos acadêmicos produzidos nos últimos cinco anos. Desse modo, tomou-se como descritores para a seleção dos textos acadêmicos: Educação de Jovens e Adultos e mulheres, EJA e feminismo, e EJA como instrumento de empoderamento feminino.

A relevância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um espaço-tempo de empoderamento feminino é significativa tanto para a comunidade acadêmica quanto para a transformação social, pois proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero e do impacto delas na vida das mulheres, especialmente daquelas em contextos de vulnerabilidade social. No âmbito social, pesquisas nessa área contribuem para a formulação de políticas públicas e práticas pedagógicas que favorecem o empoderamento feminino e promovem a igualdade de gênero, possibilitando às mulheres ferramentas para desafiar padrões patriarcais ainda vigentes nas relações familiares e nas instituições escolares. Ao repensar as relações de gênero e os papéis historicamente atribuídos às mulheres, esses estudos fomentam mudanças que transcendem o espaço acadêmico e se refletem no cotidiano, ajudando a construir uma sociedade mais justa e consciente das diversidades e dos direitos humanos, e atuando como estratégia importante no enfrentamento ao feminicídio.

Os Lugares das Mulheres na Sociedade: Questões sobre as Relações de Gênero

As mulheres enfrentaram múltiplas formas de segregação, tendo suas vozes frequentemente silenciadas e permanecendo anônimas frente aos desmandos de uma sociedade marcada pelo machismo e pela exclusão. As relações de gênero e a posição das mulheres na sociedade contemporânea demonstram que, por séculos, elas foram relegadas a papéis subalternos, subordinadas a normas

patriarcais que restringiram sua atuação à esfera privada e limitaram sua participação social ao papel de apoio. Neste sentido, o cenário reflete a desigualdade de uma “sociedade em que prevalece o patriarcado, em que mulheres são submetidas de forma ‘natural’ às sobrecargas de trabalho (dentro e fora de casa), dificultando, de certa forma, o acesso a direitos que lhes são garantidos por lei, como a educação” (Lima; Wiese; Haracemiv, 2021, p. 133).

Os padrões impostos pela sociedade sobre a mulher reforçaram a marginalização feminina, restringindo o desenvolvimento de sua autonomia e reforçando barreiras que impactam ainda hoje as dinâmicas sociais e a busca por igualdade nas relações de gênero, nos espaços sociais e na esfera das profissões (Beauvoir, 1980). Este cenário é fundamentado em estruturas de poder que, para além de moldar comportamentos, restringem o acesso ao conhecimento e à participação social (Butler, 2013).

Segundo Beauvoir (1980), a mulher é construída como “o outro”, ou seja, um segundo gênero cujas expectativas sociais são direcionadas à esfera doméstica, limitando suas perspectivas de crescimento e autonomia. Socialmente, a mulher já nasce com suas trajetórias pré-definidas, determinadas. Diferente dos homens que nascem livres, capazes escolher o que fazer, no que trabalhar e como ser, partindo de sua disposição de liberdade. Beauvoir (1980) critica essa compreensão cultural sobre a mulher que a coloca como “segundo sexo”, guiada por normas exteriores a si. Por isso, “mulher não nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9).

No contexto brasileiro, Del Priore (1994) destaca a construção de estereótipos que restringem a imagem feminina e reforçam estigmas baseados na classe social e etnia. Conforme a autora:

A mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfiada ilusão de imobilidade. Auto sacrificada, submissa sexual e materialmente e reclusa com rigor, à imagem de mulher de elite opõem-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, pivô das miscigenações e das relações interétnicas que justificaram por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados (Del Priore, 1994, p.11).

De acordo com Perrot (2007), as mulheres sempre estiveram envolvidas em atividades laborais, mas seu trabalho era essencialmente doméstico, voltado para a reprodução e o cuidado, sem reconhecimento social ou remuneração. Para a autora, “as mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado” (Perrot, 2007, p.109). No âmbito do lar, as tarefas de cuidado com os filhos e de manutenção da casa são realizadas quase exclusivamente pelas mulheres, compondo um trabalho invisível, flexível e não partilhado com os homens: “praticamente, nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas entre homens e mulheres. Ele é invisível, fluido, elástico” (Perrot, 2007, p.115).

Apesar do crescimento urbano e da modernização das cidades, poucas profissões eram destinadas às mulheres. Contudo, a industrialização trouxe à tona a questão do trabalho feminino, criando oportunidades de trabalho nas fábricas e permitindo que as mulheres começassem a ocupar espaços antes considerados impróprios ao seu gênero. Como argumenta Perrot (2007, p. 119), “foi a industrialização que colocou a questão do trabalho das mulheres”, possibilitando que elas ocupassem novos ambientes de trabalho, que anteriormente não lhes eram acessíveis.

Segundo Butler (2013), a construção de gênero é também uma construção cultural e performativa, o que implica na possibilidade de contestação e transformação dessas mesmas normas. Embora as estruturas patriarcais e machistas continuem sendo determinantes na construção da identidade feminina, espaços educacionais inclusivos e emancipatórios, como a modalidade Educação de Jovens e Adultos, possibilitam que mulheres adquiram novas perspectivas de si mesmas e do mundo.

A EJA como Espaço-Tempo para o Empoderamento Feminino

A Educação de Jovens e Adultos, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, configura-se como uma modalidade de ensino da Educação Básica destinada a jovens, adultos e idosos

que, por diferentes razões, não tiveram acesso à educação em sua idade escolar regular. O Art. 37 da LDB reforça essa concepção ao determinar que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Sob essa perspectiva, a EJA atende a uma demanda educativa fundamental, proporcionando uma nova oportunidade de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade e ao desenvolvimento de habilidades. Contudo, o retorno dos jovens e adultos ao ambiente escolar envolve expectativas, mas também muitas incertezas, como aponta Arroyo (2005, p. 42), ao afirmar que “os jovens e adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas e incertezas à flor da pele”. Essa observação reflete uma compreensão mais profunda dos sujeitos da EJA, para os quais o ato de retornar aos estudos não representa apenas a retomada de um processo formativo, mas um passo significativo na busca pela transformação pessoal e social, revelando-se, portanto, um movimento permeado por esperanças e desafios.

As mulheres representam uma parcela significativa dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando-se, entre elas, aquelas que são mães. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), 1.565.732 mulheres estavam matriculadas na EJA em 2019. Muitas dessas mulheres iniciaram sua trajetória escolar, mas precisaram interrompê-la devido a uma série de fatores sociais e culturais. Entre os motivos mais recorrentes para o abandono dos estudos, estão a necessidade de assumir responsabilidades domésticas, o casamento precoce, e as expectativas familiares de que ajudassem nos cuidados dos irmãos. Em alguns casos, a gravidez precoce e o casamento somaram-se a pressões fundamentadas em um machismo estrutural, que historicamente restringiu o acesso das mulheres à educação formal, ao perpetuar a ideia de que o espaço feminino se limita ao lar. Essas barreiras contribuíram para afastar as mulheres da escolarização e retardaram seu ingresso na educação formal, uma realidade que a EJA busca reverter ao

oferecer uma nova oportunidade para o exercício pleno da cidadania e do desenvolvimento pessoal.

A EJA, ao constituir um espaço-tempo alternativo para o aprendizado, oferece um ambiente no qual as mulheres podem construir novas significações de si mesmas e do seu papel na sociedade. Ao participarem das atividades educacionais, mulheres que historicamente foram excluídas da educação formal começam a redefinir seus lugares no contexto social, ganhando confiança para enfrentar tanto desafios cotidianos quanto situações de opressão. Por meio da troca de experiências com colegas e educadores/as, as participantes da EJA acessam o conhecimento de forma horizontal e colaborativa, e esse processo as conduz a um empoderamento progressivo.

A busca por autonomia leva muitas mulheres a reconhecerem a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a sala de aula como uma conquista de direitos, permitindo-lhes disputar espaços de igualdade entre os gêneros e entre classes sociais. Mesmo diante de múltiplas responsabilidades familiares e profissionais, essas mulheres se esforçam para fortalecer suas identidades e encontram, na EJA, um ambiente de troca de experiências e socialização, o que incentiva a crescente participação feminina nas turmas de escolarização de jovens e adultos. Esse espaço educativo torna-se, assim, não apenas um local de aprendizado, mas um campo para a construção de novas redes e para o fortalecimento coletivo, impulsionando transformações em suas trajetórias pessoais e sociais (Vigano; Laffin, 2016).

A EJA apresenta-se como um espaço fundamental para o empoderamento feminino, pois “significa promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais, um processo que ocorre por meio da desconstrução de padrões limitadores, fomentada pela reflexão crítica e pelo diálogo educacional” (Vigano; Laffin, 2016, p.17). A modalidade EJA permite que as mulheres, frequentemente afastadas da educação formal por barreiras de gênero, classe e etnia, tenham um espaço-tempo para a construção de sua cidadania, desafiando as

normas patriarcais e expandindo suas perspectivas de atuação no mundo. Esse processo educacional, ao propiciar uma aprendizagem que dialoga com suas realidades, seu campo de trabalho e lutas, fortalece o papel dessas mulheres em suas famílias, rompendo com os padrões patriarcais e machistas, favorecendo um movimento de transformação social que impacta as relações de gênero tanto no ambiente familiar quanto na sociedade como um todo.

Considerações Finais

A EJA representa um espaço educativo transformador, que possibilita o empoderamento das mulheres ao permitir-lhes retomar a educação formal e ressignificar suas vivências pessoais e coletivas. Ao romper barreiras impostas por trajetórias de exclusão escolar e restrições sociais, a EJA oferece um ambiente no qual as mulheres podem desenvolver a autoestima, adquirir novos conhecimentos e vislumbrar alternativas de atuação na sociedade. A partir desse processo de engajamento social, elas se tornam capazes de ampliar suas perspectivas e seu senso de autonomia, construindo trajetórias pessoais e profissionais que antes lhes eram negadas. Nesse sentido, a EJA se revela como um espaço fundamental para que as mulheres se fortaleçam individualmente e passem a atuar de forma direta em seus contextos sociais.

Com efeito, ao abordar temas como cidadania, direitos e igualdade de gênero, a EJA promove discussões que desafiam concepções tradicionais de papéis de gênero, incentivando as mulheres a questionarem práticas machistas e patriarcais que historicamente as subalternizaram, rompendo sobretudo o princípio religioso e o senso comum de que “mulheres devem ser submissas aos homens”. Esse ambiente dialógico possibilita que as mulheres compartilhem experiências e reflexões, criando uma rede de apoio mútua e conscientização crítica. Esse espaço educacional se diferencia por buscar respeitar as vivências das mulheres, considerando suas lutas e desafios específicos, e assim impulsio-

nando-as para uma atuação cidadã ativa, construindo seus mundos com autonomia.

Por fim, a EJA é um espaço-tempo educativo que contribui para a transformação das comunidades nas quais essas mulheres estão inseridas, pois, ao empoderá-las, promove-se a construção de um círculo virtuoso de valorização do conhecimento e da igualdade. Mulheres, na maioria mães, que retomam seus estudos na EJA se tornam agentes de mudança em suas famílias e comunidades, transmitindo novos valores e perspectivas. Portanto, reconhecer a Educação de Jovens e Adultos como um espaço de empoderamento feminino é fundamental para que políticas públicas e projetos sociais garantam a continuidade e expansão dessa modalidade, potencializando-a como caminho de emancipação, equidade de oportunidades e justiça social.

Referências

ARROYO, Miguel. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte/MG, Autêntica, 2005, p. 19- 50.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. v. I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **A Mulher na História do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Contexto. 1994.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**: Microdados do Censo Escolar da Educação Básica 2019.

LIMA, Francisca Vieira; WIESE, Andréia Faxina; HARACEMIV, Sonia Maria Chaves. As mulheres da EJA: do silenciamento de vozes à escuta humanizada. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 30, n. 63, p. 131–150, 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. (Tradução: Ângela M. S. Côrrea). São Paulo: Contexto, 2007.

VIGANO, Samira de Moraes Maia. LAFFIN; Maria Hermínia Lages Fernandes. A Educação de Jovens e Adultos como um espaço de empoderamento das mulheres. **Revista EJA em debate**. Edição: Ano 5; n. 7; 2016.

XAVIER, Cristiane Fernanda. História e historiografia da Educação de Jovens e Adultos no Brasil - inteligibilidades, apagamentos, necessidades, possibilidades. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. 68, 16 jun. 2019.

CAPÍTULO 2

O PERCURSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS AO LONGO DA HISTÓRIA EDUCACIONAL BRASILEIRA

Annalice Feitosa de Oliveira

Verônica Matos da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-396-1

Introdução

O presente capítulo aborda a evolução da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao longo da história da Educação no Brasil. A EJA é uma modalidade de ensino destinada a atender às necessidades educacionais de jovens e adultos que, por diversas razões, não tiveram a oportunidade de frequentar a escola regular na idade apropriada (Brasil, 1996). Esta modalidade é respaldada por legislação específica e tem como meta principal abordar e corrigir problemas sociais, como a exclusão social e educacional. Ao fazer isso, a EJA contribui significativamente para a inclusão econômica, social e política dos indivíduos, promovendo a igualdade de oportunidades e a justiça social (Cardoso; Passos, 2016; Santos; Lopes, 2017).

No decorrer de sua história, a EJA passou por vários desafios até chegar aos dias atuais, enfrentando problemas como a desmotivação dos alunos, a falta de apoio familiar, a falta de recursos, infraestrutura inadequada, a dificuldade de adaptação dos alunos, entre outras questões.

Considerando os contextos sociais e históricos acerca da modalidade EJA, levantou-se a seguinte problemática: como as políticas educacionais e as abordagens pedagógicas têm contribuído para o fortalecimento da EJA no cenário educacional brasileiro ao longo dos tempos? O objetivo central da investigação é analisar o desenvolvimento histórico da EJA, desde suas origens até as abordagens contemporâneas, identificando os principais marcos, políticas e práticas que influenciaram sua evolução.

O percurso metodológico foi a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (1946, p. 17), é desenvolvida a partir de um material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos. A pesquisa foi elaborada a partir da seleção de artigos científicos nas bases de dados das plataformas Google Acadêmico e Scielo, considerando as palavras-chave: políticas educacionais e EJA, História educacional da EJA e, por fim, desenvolvimento da modalidade EJA.

Primeiras Experiências com Educação de Adultos no Período Jesuítico

A educação de adultos, de acordo com começou com a chegada dos Jesuítas ao Brasil, em 1549. De acordo com o pesquisador Ghiraldelli Jr. (2008), a Educação brasileira teve seu início a partir da vinda dos jesuítas para o Brasil, movidos pelo interesse de difundir o catolicismo pelo mundo, por meio da catequização dos povos indígenas. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p.109), os jesuítas, “além de difundirem os preceitos religiosos, transmitiram aos índios normas de comportamento e ofícios necessários ao funcionamento da colônia”. Os indígenas foram tratados como um papel em branco, onde só eram depositados preceitos católicos que os Jesuítas ensinavam, impondo, assim, sua visão de mundo, desconsiderando a cultura dos povos indígenas.

Ao longo dos séculos, os jesuítas aumentaram o seu patrimônio, por meio da exploração da mão de obra dos indígenas e do controle que exerciam sobre

as comunidades dos povos originários. Por esta razão, a Coroa Portuguesa entrou em conflito com a Companhia de Jesus. Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas de Portugal e de todos os seus domínios (Carvalho *et al*, 2008), tendo como consequência a destruição da organização educacional existente em terras brasileiras.

Movimentos e Tentativas para a Implementação da Educação de Adultos e Erradicação do Analfabetismo

Na história da educação, a princípio, houve muitas tentativas de ensino para adultos, porém foram fracassadas. Logo após a expulsão dos Jesuítas, deu-se um novo início na educação de adultos. De acordo com Paiva (2003, p.195), entre os anos de 1870 a 1880 havia classes para a instrução de adultos em praticamente todas as províncias, em atendimento às determinações do Regulamento de 1854, mas, com a baixa frequência dos educandos acabou se extinguindo muitas dessas iniciativas.

Em 1881, o analfabetismo já se apresentava como uma preocupação para a população. Conforme Paiva (2003, p. 81), “a reforma Leôncio de Carvalho enfatizava a necessidade de promover a criação de cursos elementares noturnos; estava em discussão a Lei Saraiva e a ênfase sobre a educação dos adultos”, cuja proposta visava democratizar o acesso à educação e acreditava que uma população mais instruída contribuiria para uma democracia mais robusta e eficaz. Segundo Paiva (2003), mesmo com a publicação da Lei Saraiva (Decreto n. 3.029), que restringia o voto dos analfabetos, ainda não houve uma difusão do ensino e interesse dos alunos.

A Educação de Jovens e Adultos começou a ser tratada como um sistema importante na educação brasileira a partir dos anos 40 do século XX, em resposta à defasagem educacional e à industrialização do país durante o governo de Getúlio Vargas. Conforme Leite (2013, p. 92), “a Constituição de 1934 abriu o debate para discutir a educação como um direito de todos e, dessa forma, uma

obrigação do governo em proporcioná-la”, mas a Constituição de 1937 “não teve o mesmo vigor que sua anterior no quesito educação. Representou em alguns pontos um retrocesso na garantia de oportunidade para se implementar uma escola pública para todos e gratuita” (Leite, 2013, p. 93), retirando a responsabilidade do Estado em relação à educação pública, ao priorizar o ensino profissionalizante.

No início dos anos 1960, Paulo Freire surge como um dos pioneiros na luta pela alfabetização de jovens e adultos, buscando uma educação democrática e libertadora, baseada na realidade dos educandos. Por essa razão, tornou-se uma referência central para a EJA, ao propor uma forma diferente de pensar a educação, segundo o qual o indivíduo, no processo de aprendizagem, vivencia a educação e a alfabetização de maneira crítica e dialógica. Freire (Freire, 2020) defende a educação como um espaço de diálogo, autonomia e exercício de conscientização sobre o mundo e sobre si, que liberta o estudante da visão fatalista da sociedade e da história, possibilitando que se torne agente ativo na transformação de sua realidade.

Com resultados gratificantes e comoventes em suas experiências pelo mundo, Freire viu pessoas iletradas humildes e exploradas, que gradualmente foram descobrindo, com orgulho, sua capacidade como “fazedores de cultura”, percebendo que sua suposta inferioridade não era por incompetência própria, mas era porque lhes fora negada a humanidade. Seu método busca unir teoria e prática, mostrando que conhecer é intervir na realidade. Ao se reconhecer como sujeito da história, o indivíduo toma a palavra, libertando-se daqueles que antes detinham o monopólio do conhecimento. Em última instância, alfabetizar significa ensinar o uso da palavra, capacitando as pessoas a expressarem sua voz.

De acordo com Guerra (2013), Paulo Freire, com a colaboração de jovens universitários, em 1963, testou o seu método de alfabetização de adultos na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Trezentos trabalhadores rurais, que não sabiam ler e nem escrever, foram alfabetizados em 40 horas. Na primeira etapa, houve uma investigação entre esses trabalhadores para conhecer

as palavras que eles mais usavam no dia-a-dia. Em seu método, Freire ouviu e respeitou a bagagem histórica e cultural de cada educando, em seu contexto vital. O seu método obteve grande sucesso e a partir disso, o presidente João Goulart o convidou para aplicar sua metodologia na alfabetização de 5 milhões de adultos. Infelizmente, porém, logo começou a ditadura militar e Freire foi preso e exilado do Brasil.

Outro grande movimento brasileiro para a alfabetização foi o Mobral. De acordo com Prado (2017), o dia 08 de setembro de 1970 foi um dia ímpar para a oficialização do lançamento da nova fase do Mobral, que se tornou responsável por seus próprios programas, se reafirmando como uma organização autônoma. Este momento marcou uma transição crucial na história da educação no Brasil, refletindo o esforço governamental para combater o analfabetismo e promover a educação de base entre as camadas mais desfavorecidas da população. A nova fase do Mobral não apenas ampliou seu alcance, mas também buscou integrar métodos pedagógicos inovadores e adaptados à realidade dos educandos, visando a uma maior eficácia na alfabetização de jovens e adultos. Segundo Pereira (2016, p. 23), “em 1985, o Mobral foi substituído pela Fundação Educar, que apoiava iniciativas de alfabetização existentes”.

Durante os anos 80, surgiram várias pesquisas sobre língua escrita que influenciaram a EJA. Com a promulgação da Constituição de 1988, o Estado ampliou seu compromisso a educação, conforme o artigo 208, garantindo o ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos. Na década de 90, surgiram iniciativas em prol da EJA, com o envolvimento dos municípios e parcerias entre ONGs, universidades e grupos informais. A história da EJA começou a ser registrada nos Fóruns estaduais e nacionais, com o início do “Boletim da Ação Educativa” em 1997.

Em 1996 foi promulgada a Lei N° 9394/ 96 (Nova LDB), reafirmando a necessidade da EJA gratuita nas escolas públicas, assegurando “aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado” (Brasil, 1996, p. 13).

A Educação de Jovens e Adultos a partir dos Anos 2000

O cenário da EJA a partir dos anos 2000 foi diferente, pois a modalidade foi contemplada com algumas iniciativas, como o Projeto Escola de Fábrica, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM, o Programa Nacional de Integração de Educação Profissional - PROEJA, entre outros. Conforme Silva (2019, p.1) “a EJA não deve se preocupar apenas em reduzir números e índices de analfabetismo. Deve ocupar-se, de fato, com a cultura do educando, com sua preparação para o mercado de trabalho”, fornecendo habilidades práticas e teóricas que possam ser aplicadas em suas vidas profissionais.

O PROJOVEM é um programa que busca combinar a formação profissional com a inclusão social, visando reduzir a desigualdade social e a pobreza entre os jovens brasileiros (Brasil, 2011). Outrossim, ao integrar a formação profissional com a inclusão social, o programa aborda diretamente dois dos maiores desafios enfrentados pelos jovens em situação de vulnerabilidade: a falta de qualificação para o mercado de trabalho e a exclusão social. A formação profissional capacita os jovens com habilidades práticas e técnicas necessárias para obter emprego e se manter nele, aumentando suas chances de ascensão social e econômica. Tal iniciativa é importante para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática, onde todos os cidadãos têm a oportunidade de contribuir e prosperar.

O PROEJA desempenha um papel crucial na promoção da inclusão social e na provisão de oportunidades educacionais de excelência para jovens e adultos que não puderam acessar a educação básica (Brasil, 2007). Neste contexto, o programa integra a educação básica com a educação profissional, permitindo que os alunos adquiram tanto conhecimentos gerais quanto habilidades específicas para o mercado de trabalho. Ao fazer isso, busca reduzir a desigualdade educacional e promover a inserção socioeconômica de indivíduos historicamente marginalizados.

A Educação de Jovens e Adultos busca ampliar sua diversidade e potencial, com abordagens educacionais que se direcionem às práticas sociais (Pinheiro, 2021). Além disso, é necessário que essas abordagens integrem as vivências e contextos dos alunos, promovendo uma educação que seja realmente relevante para suas vidas.

A política atual da EJA, que surgiu das demandas de grupos e movimentos sociais de educação popular, tem como objetivo resgatar o compromisso histórico da sociedade brasileira e promover igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social. Esta política é construída com base nas exigências legais definidas pela Constituição Federal de 1988 (Cardoso; Passos, 2016). Além disso, é crucial que essas políticas sejam implementadas de forma eficaz, garantindo que os programas sejam acessíveis e adaptados às necessidades específicas dos alunos, permitindo-os alcançar seu pleno potencial e contribuindo para uma sociedade mais justa.

Considerações Finais

Concluindo a nossa pesquisa, que teve como objetivo investigar o desenvolvimento histórico da EJA no Brasil, podemos observar que a evolução da Educação de Jovens e Adultos avançou, com a colaboração de movimentos governamentais e não governamentais, para a erradicação do analfabetismo. Tais movimentos contribuíram para constituir a EJA como política de estado no que tange à educação.

Durante esses anos, a modalidade evoluiu em suas abordagens pedagógicas, saindo dos métodos tradicionais, segundo os quais os alunos eram considerados como um papel em branco, sem história, sem cultura e sem identidade, para uma metodologia mais transformadora, refletindo um compromisso crescente com a inclusão social e a valorização do conhecimento prévio dos alunos. Ademais, teve como principal teórico fundador o educador Paulo Freire, que, com sua pedagogia libertadora, desempenhou um papel

fundamental nesse desenvolvimento, quando passou a considerar os educandos como sujeitos, enfatizando a importância do diálogo e trazendo suas culturas e suas histórias para dentro da sala de aula. Dessa forma, promoveu a formação de sujeitos críticos, capazes de pensar por si próprios, como cidadãos mais conscientes do seu papel social.

As políticas educacionais e as abordagens pedagógicas têm sido fundamentais para a evolução da EJA no Brasil. Embora tenham sucedido progressos significativos, especialmente com o recurso a metodologias mais inclusivas e contextualizadas, ainda há muitos desafios a serem superados para garantir que todos os jovens, adultos ou idosos tenham acesso a uma educação de qualidade. A continuidade das políticas públicas e o investimento em programas específicos são cruciais para a consolidação e ampliação dessa modalidade educacional.

Os desafios, portanto, persistem, como a necessidade de maior investimento em infraestrutura, na capacitação de educadores e no fortalecimento de políticas públicas que garantam a continuidade e expansão da modalidade. Os avanços, no entanto, demonstram um caminho promissor, destacando a relevância da EJA para o desenvolvimento pessoal e coletivo, reforçando seu papel vital na democratização da educação no Brasil.

Referências

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Altera a Lei nº 11.692, de 10 de junho de 2008, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem, e dá outras especificações. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 ago. 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Base do PROEJA**. Brasília, DF: MEC, 2007.

CARDOSO, Marcélia Amorim; PASSOS, Gisele de Andrade Louvem dos. Reflexões sobre a educação de jovens e adultos e a formação docente. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 25, p. 1-7, 2016.

CARVALHO, Carin et al. Educação jesuítica: contexto, surgimento e desdobramentos. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 7, n. 2, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Marcos. Sobre as 40 horas de Angicos. **Em Aberto**, v. 26, n. 90, 2013.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. Entrevista: O Plano do heroísmo. **Revista Educação**, n. 129, 2008.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista brasileira de educação**, n. 14, p. 108-130, 2000.

LEITE, Sandra Fernandes. **O direito à Educação Básica para Jovens e Adultos da Modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

NASCIMENTO, Leandra Fernandes do. A EJA e seu ensino na Educação Básica: primeiras aproximações. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil**. 6. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PINHEIRO, Laís Lemos Silva Novo. Referências viviográficas na educação de jovens e adultos: das diretrizes ao letramento. **e-Mosaicos**, [S. l.], v. 10, n. 24, p. 248–264, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/58181>. Acesso em: 31 de maio. 2024.

PEREIRA, Ana Luiza Vieira. **A EJA e a construção educacional do sujeito: buscando a perspectiva docente**. 2016. 48f. – TCC (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Ceará, Graduação em Pedagogia, Fortaleza (CE), 2016.

PRADO, Mariana Lemos do. **Educação de jovens e adultos: um estudo acerca dos princípios políticos e pedagógicos que conduziram a proposta educacional do Movimento Brasileiro de Educação – MOBRAL (1967-1985)**. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SANTOS, Libério Mayk Luciano dos; LOPES, Viviane Calazans. Pressupostos Históricos, Teóricos e Legais da EJA no Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição 05. Ano 02, Vol. 01. pp 535-546, Julho de 2017.

SILVA, Waldyleidy Araújo. **A educação de Jovens e Adultos na busca da construção da cidadania**. VI Congresso Nacional de Educação - Conedu, 2019. Disponível em: www.editorarealize.com.br. Acesso em: 12 de junho 2024.

CAPÍTULO 3

AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIREANA PARA A PRÁXIS PEDAGÓGICA DOS/AS PROFESSORES/AS DA EJA

Gabriel Freitas Soares

Vanessa da Silva Sousa

Doi: 10.48209/978-65-5417-396-2

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil foi marcada por complexidades e interrupções (Xavier, 2019). Atualmente, com os direitos assegurados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), a EJA é ofertada, de forma gratuita, pelo estado, para pessoas que não tiveram condições de estudar na idade regular, garantindo e estimulando o acesso e permanência dos jovens e adultos nessa modalidade de ensino.

Nessa perspectiva, os/as professores/as da EJA devem construir e dinamizar práticas-pedagógicas distintas das que são propostas na etapa da Educação Infantil, de maneira a promover uma educação crítica e acolhedora. Ao contrário da Educação Infantil, a EJA é composta por alunos/as com raciocínios mais diversificados, com experiências que foram obtidas com o passar do tempo, principalmente no trabalho (Brasil, 1996).

Paulo Freire (2020), pensador de fundamental relevância para a EJA, apresenta as perspectivas basilares da modalidade. As ideias de Freire sobre es-

tes pontos importantes e complexos, propõem vários caminhos que podem ser tomados pelo docente para obterem sucesso na Educação de Jovens e Adultos. Neste capítulo, iremos apresentar reflexões que podem contribuir para a construção e fortalecimento de práticas pedagógicas mais adequadas para a EJA.

Nesta pesquisa, refletiremos sobre as contribuições do pensamento freireano para uma práxis pedagógica com identidade própria, que promova uma formação integral e libertadora, fundamental para a conscientização dos cidadãos brasileiros que não tiveram esta oportunidade de obtê-la no tempo regular, acerca de seus direitos fundamentais, seus deveres e seu papel na transformação da sociedade em que vivem.

A atual Constituição Federal de 1988 do Brasil, mais precisamente no artigo 37, garante estes direitos. Porém, alguns destes parágrafos acabam não sendo condizentes com a realidade, como é o caso do 2º parágrafo, o qual descreve que o poder público garantirá a este grupo específico a permanência na escola (Santos *et al.*, 2019). Infelizmente, os trabalhadores que buscam essa modalidade de ensino acabam não concluindo o curso, por conta de uma série de fatores que interferem na vida cotidiana e permanência no contexto escolar; o poder público, por sua vez, na maioria das vezes, não busca investigar quais são estas causas e como resolvê-las para, assim, estimular o acesso desta população à educação e sua permanência na escola.

O Pensamento Freireano para a Educação

Paulo Freire (2021) considera a educação como caminho para a autonomia dos sujeitos sociais. Nesse sentido, os conhecimentos, os saberes devem ser construídos a partir da realidade de cada estudante. Para ele, a educação não deve se restringir unicamente a ensinar a decodificar os símbolos e as letras, mas sim promover uma formação que considere o conhecimento e a cultura do estudante, favorecendo o desenvolvimento do seu pensamento crítico, voltado

principalmente para a busca de seus direitos, a fim de transformar a sociedade em que vivem, tornando-a justa e democrática.

Numa das suas obras mais importantes, “Pedagogia do Oprimido”, Freire (2020) elabora uma crítica contundente dos aspectos da educação tradicional, que ele caracteriza como educação bancária, e propõe outro modo de ensino, em que ambos (educadores e educandos) aprendem juntos, ou seja, o docente não é visto como um “líder” na sala de aula, que detém unilateralmente o poder de fala, restando aos/às alunos/as a postura passiva de meros ouvintes e receptores, que “aprendem” a “decorar” as informações ditas durante o processo de ensino. A forma revolucionária freireana de entender o ensino busca a participação de ambas as partes, fazendo assim, um desenvolvimento cognitivo e social dos alunos no decorrer da aula, além de abrir um novo modo de pensar sobre a realidade na qual os/as estudantes estão inseridos/as.

Esta obra também cita que o pedagogo precisa ter capacidade humanística e empática para desenvolver uma educação que favoreça a libertação social e uma conscientização crítica dos sujeitos sociais, por meio de um ensino construído na relação dinâmica educador/educando, fundamentada na experiência e nas vivências de cada um, em vista de uma aprendizagem significativa (Freire, 2020).

Por meio da relação dialógica entre o educando e o educador, com uma postura humanística que observa o contexto social e cultural dos educandos, realiza-se o processo de ensino e aprendizagem, fundamentado num processo de codificação e decodificação do mundo, base do desenvolvimento da consciência crítica (Freire, 2020). O ponto de partida para o diálogo, em vista de uma aprendizagem significativa, é a busca de conhecer o universo cultural, social e existencial dos educandos, para, assim, favorecer a interação criativa, que constitui a base para a construção de saberes e conhecimentos.

Uma vez reconhecido o contexto social dos estudantes, com a percepção da cultura predominante da sala de aula, o educador passa a utilizar uma prática

pedagógica mais eficaz, para que os educandos compreendam como funciona a sociedade, adquirindo uma nova forma de ver o mundo, com uma convicção mais crítica (Branco; Monteiro; Felix, 2016), que os faz capazes de perceber as contradições do sistema capitalista, que muitas vezes utiliza a escola como um aparelho ideológico, como fonte de manipulação da elite para propagar a desigualdade tanto sociais, como raciais e de gênero, como assevera Branco, Monteiro e Félix (2016, p. 5): “a educação popular brasileira é legitimada e perpetuada pelas práticas educativas bancárias, preocupadas em impor um conteúdo informativo acrítico à realidade social”.

As Contribuições de Paulo Freire para a EJA

Paulo Freire teve uma grande influência na modalidade EJA, contribuindo de forma positiva com sua metodologia que permite uma educação libertária. O ensino libertário, como o nome já diz, busca favorecer a emancipação dos discentes, abrindo-lhes o olhar crítico para o que acontece ao seu redor, percebendo de modo mais profundo a complexidade e as contradições da sociedade em que vivem, marcada por desigualdades e injustiças (Pereira; Costa, 2023).

Para Freire (2020), a aprendizagem seria mais eficaz se os educadores conhecessem a realidade de cada educando, buscando as palavras que estivessem inseridas no seu cotidiano, utilizando-as como “palavras geradoras” no processo de ensino e aprendizagem. Tal recurso configura uma dinâmica consistente de alfabetização que abre os olhos dos indivíduos para compreender o mundo real (Pereira; Costa, 2023).

Outro aspecto importante da pedagogia freireana é destacado por Pereira e Costa (2023, p. 6), ao afirmarem que “é imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de amaciá-la”, destacando, dessa forma, a importância de os educadores assumirem uma postura que provoque e desperte nos educandos o desejo do conhecimento.

Ao longo do seu trabalho como educador, Freire propôs e liderou diversos projetos. O mais conhecido – e que acabou se tornando a expressão mais significativa do seu método de alfabetização – foi o que ocorreu na década de 1960:

Foi no Rio Grande do Norte que ele em 45 dias alfabetizou 300 trabalhadores, em seu método Freire recomenda que não basta ler e escrever, mas dar continuidade aos estudos, havendo interação entre educador e educando, tomando como base o contexto social e cultural do aluno, sua realidade de vida, o ato educativo não pode ser um ato passivo, o que era definido por Freire como “educação bancária“, onde o aluno somente recebe (Pereira; Costa, 2023, p. 6).

As suas proposições buscavam uma conscientização crítica dos educandos, defendendo um ensino horizontal, que acontecia no diálogo entre o educador e o educando, articulado por meio de círculos de cultura, nos quais o processo de construção de saberes se dava sem hierarquização e diferenças entre “quem sabe” e “quem não sabe”.

O conceito freireano de práxis pedagógica do oprimido assinala esta mudança de mentalidade por parte dos agentes educativos. A educação que se promove na perspectiva deste conceito ocorre de forma dialética e coletiva, ou seja, educador e educando dependem do outro na construção de saberes emancipatórios, ou seja, conhecimentos que abrem, para os educandos, perspectivas de percepção acerca de sua situação e opressão, de modo que sejam capazes de gerar ações que incidam na transformação desta realidade. Por meio dessa práxis, o sujeito oprimido chega a um conhecimento crítico da sua situação e consegue lutar contra a opressão imposta pela elite (Akkari; Mesquida, 2020).

Considerações Finais

Refletir sobre as bases pedagógicas freireanas da EJA é abordar a educação pelo caminho mais empático por parte do professor, que está disposto a aprender com seus alunos, criando uma abertura de possibilidades para que o

educando se sinta parte do processo de ensino e aprendizagem. A perspectiva pedagógica de Paulo Freire cria viabilidades para um ensino que abre aos educandos horizontes de luta pelos seus direitos, tornando-os sujeitos sociais e políticos, aptos para reconhecer e se defender das amarras criadas pela sociedade capitalista. Nos docentes, a práxis pedagógica freireana favorece uma melhor comunicação e um aprendizado mais amplo, criando métodos diversificados de ensino.

Usando a práxis pedagógica de forma eficiente, como a que é proposta por Freire, a educação será um ato revolucionário, capaz de transformar a sociedade atual, diminuindo o analfabetismo que ainda existe no seio da população brasileira. Além disso, esta abordagem acerca do letramento de jovens e adultos na perspectiva libertadora promove uma visão mais aberta e diversificada para os docentes, ampliando as suas possibilidades de escolhas metodológicas em vista de um conhecimento mais amplo no entendimento dos assuntos a serem abordados, observando o contexto social, cultural e existencial dos seus educandos.

Referências

AKKARI, Abdeljalil; MESQUIDA, Peri. A pedagogia crítica e emancipatória / libertadora de inspiração freireana. **Roteiro, Joaçaba**, 2020, v. 45, p. 1-22.

BRANCO, Paulo Coelho; MONTEIRO, Paulo Souza; FELIX, Lucas Matias. Diálogo entre métodos educacionais de Paulo Freire e Carl Rogers. **Perspectivas em Psicologia**, Vitória da Conquista, 2016. 1-16 p. v. 20.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HADDAD, Sérgio; PIERRO, Maria Clara. Considerações sobre educação popular e escolarização de adultos no pensamento e na práxis de Paulo Freire. Campinas: **Ensaio**, 2021. v. 42.

PEREIRA, Erika Gomes; COSTA, Heliana Pereira. Um olhar sobre a realidade educacional da educação de jovens e adultos em tempos de pandemia. São PAULO: **Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, 2023, p. 1-28.

SANTOS, Cassia Fernanda *et al.* Como as propostas pedagógicas contribuem de forma significativa para a aprendizagem dos estudantes da educação de jovens e adultos. 36. ed. **Espacios**, 2019. v. 40.

XAVIER, Cristiane Fernanda. História e historiografia da educação de jovens e adultos no Brasil - inteligibilidades, apagamentos, necessidades, possibilidades. Alfenas: **Revista Brasileira de História da Educação**, 2019.

CAPÍTULO 4

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Iana Rodrigues do Nascimento

Jacikely de Sousa Silva

Marcilene Guimarães Carvalho

Doi: 10.48209/978-65-5417-396-3

Introdução

A educação de jovens e adultos é uma modalidade que possibilita retomarem os seus estudos os sujeitos que não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica na idade adequada. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Art. 37, “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Brasil, 1996). Para além dessa conquista, existem empecilhos para a valorização e reconhecimento da educação como uma ferramenta imprescindível para a transformação da realidade na qual esses sujeitos se encontram, com o poder de mudar o mundo e instruir os indivíduos a participarem ativamente na sociedade a qual pertencem (Silva, 2023).

O presente capítulo tem como tema a Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e propõe como objetivo identificar a formação de professores capazes de atender às carências específicas dessa modalidade, a partir da seguinte problemática: de que maneira a formação dos

professores da Educação de Jovens e Adultos ajuda os profissionais da EJA a sensibilizar-se com o contexto social e político dos estudantes? Nesse estudo, buscamos compreender como os professores da EJA constatarem as complexidades sociais e políticas que impactam diretamente na vida de seus estudantes, levando em consideração que são sujeitos diversos, com distintas visões de mundo formadas a partir de suas experiências de vida.

Para a elaboração desta pesquisa utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica, que, segundo Fonseca (2002, p. 32), “permite ao pesquisador conhecer o que já estudou sobre o assunto”. O estudo incorporou conhecimentos e reflexões acerca do tema, publicados em textos encontrados na base de dados do Google Acadêmico.

Formação dos Profissionais da EJA

O cenário que temos atualmente nos mostra que a educação de jovens e adultos – EJA não é uma modalidade que tenha tanta visibilidade. Percebemos esta realidade quando consideramos as políticas educacionais que envolvem essa modalidade e, além disso, quando olhamos para os documentos da Educação Básica. A educação de jovens e adultos – EJA não é comumente citada, ficando, então, separada e esquecida até mesmo dentro desses documentos que dão voz para a educação.

A partir disso, como fica a formação dos profissionais da EJA? Podemos entender que a formação desses profissionais também é deixada de lado, não ocorrendo uma formação qualificada que os capacite ou prepare para exercer a docência na modalidade EJA. Para que essa formação qualificada ocorra, temos que pensar como se dará a formação do educador e quais leis e documentos norteiam a sua formação, para que o profissional se torne um professor que, além de exercer o seu trabalho, se torne alguém que entenda e se sensibilize com as histórias dos sujeitos que são o público-alvo da modalidade, de maneira que se estabeleça uma relação educador-educando pautada no diálogo, em vista de uma educação emancipadora.

Segue-se disso que não precisamos de profissionais que ingressem na educação de jovens e adultos – EJA por boa vontade ou para cumprir tabela, mas que tenham compromisso com essa modalidade de ensino, que entendam as características e especificidades deste ensino e dos educandos que estão nele inseridos, e que entendam também, os métodos e processos que devem existir dentro da EJA, como afirmado nas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs para a Educação de Jovens e Adultos (2000, p. 56):

[...] o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências Formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade Diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se Nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação Sistemática requer (Brasil, 2000, p. 56).

No que se refere aos cursos de formação de professores, percebe-se que não é dada a ênfase necessária à modalidade de educação de jovens e adultos – EJA. Podemos notar isso quando observamos que nos cursos de pedagogia a disciplina EJA não tem uma carga horária consistente e que a modalidade não é amplamente discutida dentro de outros cursos de licenciatura. Além disso, o profissional que não teve a formação adequada para trabalhar com a educação de jovens e adultos tem que procurar – por iniciativa própria – meios para que essa formação não pare somente em um curso superior, mas que evolua constantemente em uma formação continuada, que o ajudará a aprimorar cada vez mais os seus métodos e práticas de ensino. Neste sentido, Libâneo (2007), afirma que:

[...] a formação continuada pode possibilitar a refletividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações coletivas (Libâneo, 2007, p. 227).

Cabe ainda salientar que a formação qualificada desses educadores da modalidade EJA, como foi exposto, não pode depender apenas de seu empenho pessoal ou de sua paixão pelo ensino na modalidade. Não podemos esquecer que as políticas públicas voltadas para a educação devem promover formação desses profissionais que atuam e irão atuar dentro da sala de aula da educação de jovens e adultos-EJA, ou seja, a qualificação desses profissionais deve ser voltada diretamente para o campo da Educação de Jovens e Adultos.

Uma formação docente qualificada para esta modalidade específica deve promover a consciência dos professores de que os sujeitos da EJA, pelo fato de não saberem ler e escrever, não devem ser tratados como crianças que não têm o seu desenvolvimento completo. Faz-se necessário promover uma formação inicial e continuada para evitar que esse profissional fique estagnado, acomodado com o que “já aprendeu”. Que lhe seja oferecida uma formação que o ajude a evoluir em suas práticas docentes e para que consiga se adaptar às mudanças que ocorrem ano após ano no meio educacional e, principalmente, na educação de jovens e adultos. Conforme Freire (2021, p. 38) “a formação do educador deve ser permanente e sistematizada, porque a prática se faz e refaz”.

Formar Professores para a EJA Sensíveis à Realidade Sócioeconômica e Cultural dos/as Estudantes

Como podemos notar, é necessário despertar e formar/cultivar a sensibilidade dos educadores em relação ao contexto social e político dos educandos. É crucial que se promova uma educação adequada para suprir as necessidades e realidades vividas por cada estudante. Algumas estratégias eficazes seriam: formação e capacitação específica para os professores que queiram ministrar aula para a modalidade EJA; formação científica, técnica e política do educador, desenvolvendo a prática pedagógica como o potencial de transformar a construção do conhecimento em algo significativo e consciente.

Compreende-se que o verdadeiro objetivo da educação é capacitar os alunos a compreender o mundo ao seu redor, a agir de forma construtiva no seu contexto social, expressar suas opiniões de forma crítica e de fácil compreensão e, a partir do entendimento, transformar suas condições de vida. Nesse sentido, os professores da EJA precisam compreender a complexidade da vida social e política que impacta esses estudantes, levando em consideração que esses sujeitos são jovens e adultos que trazem consigo saberes já adquiridos ao longo da vida para o ambiente escolar, como destaca Oliveira (1999):

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um mundo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiência sobre o mundo externo, sobre se mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à interação em situações de aprendizagens, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (Oliveira, 1999, p. 60-61).

Segue-se disso que os profissionais da EJA devem evitar que, na elaboração de suas práticas pedagógicas, acabem promovendo uma espécie de infantilização dos adultos, pois eles possuem suas próprias bagagens, como afirma Freire:

Saber ouvir o aluno é respeitar e valorizar a sua história, seus conhecimentos de mundo que traz consigo em sua bagagem cultural e discutir com eles a razão desses saberes em relação aos conteúdos ensinados. É ter humildade frente as diferenças e incompletudes dos alunos, seres em constante aprendizagem. É ter a humildade para aceitar e saber dialogar com aqueles que fala e/ou escreve de uma maneira diferente normas padrões da gramática. Reconhecer a leitura de mundo do aluno, o professor está valorizando o seu saber cotidiano (Freire, 2021, p.137).

Nesse sentido podemos inferir que, para um bom desempenho dos educandos, devemos levar em consideração a relação de afetividade entre eles e o educador. O afeto entre ambos contribui para um bom desempenho escolar, num ambiente em que eles iriam se sentir privilegiados e valorizados. A afetividade contribui para a criação de um clima escolar positivo, no qual os alunos

se sentem seguros e importantes, ao ponto de conseguir expressar suas dúvidas e emoções. Essa segurança contribui profundamente no desenvolvimento da autoestima e autoconfiança, impactando diretamente na aprendizagem e na capacidade, segundo Freire (2017, p. 159): “A afetividade é a base ou o começo para o aprendizado, estimulando o aluno a compreender as aulas, a se sentir motivado aos novos conhecimentos e a interagir com os professores e colegas”.

A relação de afeto entre o professor e aluno facilita a comunicação, tornando o processo de aprendizagem mais fácil e eficaz. Estabelecer essa conexão emocional facilita a identificação das dificuldades, fazendo com que o educador estabeleça estratégias pedagógicas necessárias para atender a cada educando. Portanto, deve-se ressaltar que a formação desse profissional deve estar ligada, além das práticas pedagógicas, à forma como este educador enxerga o sujeito da EJA que está na sala de aula. Faz-se necessário levar em conta não somente o ensino e a aprendizagem, mas também a afetividade entre ambos para que o educador entenda as dificuldades que os educandos enfrentam para estar presentes, ativamente, todos os dias na sala de aula.

Considerações Finais

Portanto, partindo do pressuposto que a modalidade EJA é um ensino necessário para aqueles que não tiveram a oportunidade de concluir seu estudo na idade adequada, constata-se que há uma omissão em relação à discussão dessa modalidade dentro das Universidades. Verifica-se, outrossim, a ausência de formação qualificada de profissionais para atender às especificidades da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Consequentemente, ocorre a precarização desse ensino, por falta de uma qualificação necessária, enfraquecendo um processo educativo que promova a formação de cidadãos críticos e autônomos. É imprescindível que a EJA seja tratada com a devida importância, tanto pelas instituições de ensino quanto pelos formuladores de políticas educacionais. Somente assim será possível superar os desafios enfrentados e assegurar que todos

os cidadãos tenham acesso a uma educação de qualidade, capaz de promover a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento integral do ser humano.

Conclui-se, então, que a Educação de Jovens e Adultos - EJA não é vista como uma modalidade com a mesma importância que têm outros níveis da educação básica e outras modalidades de ensino. Portanto, faz-se necessário que, tanto os graduandos quanto os profissionais atuantes na área estejam em constante formação, para a elaboração de práticas e métodos adaptados à realidade do público-alvo – jovens e adultos – que ofereçam uma aprendizagem significativa e duradoura. Entende-se que a relação dos educadores com os educandos estabelece uma convivência harmoniosa, principalmente no processo de ensino-aprendizagem desses estudantes.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

COSTA, Solange Balisa; MENEZES, Mônica Clementino de; CUNHA JUNIOR, Adenilson Souza. Paulo Freire na atualidade: um resgate necessário. **Revista latino-Americana de Estudos Científicos**, v. 02, n. 10. 2021.

FERNANDES, Rosangela Maria; GOMES, Vilisa Rudenco. **Formação dos professores da EJA: desafios e possibilidades**. v. 87, p. C3, 2013.

FIRMINO, Maria Aparecida; SILVA, Thaís Coutinho. Formação continuada: reflexos da prática pedagógica docente no processo de ensino e aprendizagem. **Diversa prática**, v. 6, n. 2, p. 110-138 – 2º semestre 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 40. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, Dalimara Conceição. **Formação continuada de professores da EJA**. Livros, v. 1, p. 87-98, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola** – Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2007.

NOGUEIRA, Cecília. Relação entre professor – aluno na educação de jovens e adultos (EJA). Goiás: **instituto federal**, 2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, Rio de Janeiro, set./dez. 1999.

SANTOS, Aristela Evangelista; CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva; AMORIM, Antonio. A Formação Docente na EJA: uma política de responsabilidade pública. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 5, n. 09, p. 123-134, 2022.

SILVA, Maria das Graças; FERREIRA, Janilda; GONÇALVES, Robéria; FELIX, Rosilene. **Relações afetivas na educação da EJA**, Maceió, centro cultural de exposição Ruth Cardoso. Out, 2020.

SILVA, Edna Batista da. Educação para a emancipação: aproximações entre Theodor Adorno e Paulo Freire. **Instituto de Ciências da Educação**, Belém, 2023.

VENTURA, Jaqueline. **A Formação Inicial de Professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**¹. Livros, v. 1, p. 187-212, 2012.

CAPÍTULO 5

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Jocimara Costa de Sousa

Maristânia da Costa Carvalho Souza

Doi: 10.48209/978-65-5417-396-5

Introdução

As práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos fazem refletir sobre a atual realidade da modalidade no Brasil. Considerando o grande desafio que é o analfabetismo em nosso país, entendemos que se faz necessário analisar como os docentes estão desempenhando as suas atividades e qual o alcance de suas práticas pedagógicas na superação desta situação.

Segundo Arroyo (2017), há uma diferença significativa entre o tempo de um trabalhador formal, que sabe exatamente o horário de entrada e saída, e o tempo de um sobrevivente em situações de trabalho informal. Este último não tem controle sobre suas condições de trabalho e precisa criar seu próprio tempo com base nas exigências diárias de sobrevivência. Assim, a modalidade EJA enfrenta situações adversas, como fazer com que o público alvo seja alcançado e permaneça em sala de aula, por meio dos métodos adequados utilizados pelos docentes. Levando isso em consideração, veremos quais tipos de práticas pedagógicas o docente desenvolve para alcançar os objetivos no enfrentamento das necessidades dos sujeitos da EJA.

O docente, na sua prática pedagógica, deve ser um sujeito motivado e motivador para o exercício da sua profissão, promovendo uma educação que favoreça a emancipação dos seus educandos, com compromisso e dedicação, pois se trata de uma modalidade que enfrenta muitos desafios.

Os professores devem utilizar-se de materiais apropriados nessa prática para obter bom êxito e um desempenho com excelência. No entanto, para que haja mudanças no atual contexto, devemos compreender que há necessidade de formação docente, seja formação inicial, seja formação continuada, para que essa atuação alcance o sucesso desejado.

Diante das reflexões apresentadas, constata-se que é crucial que os educadores da EJA considerem, no exercício de sua docência, a realidade cotidiana dos educandos jovens e adultos, priorizando saberes da sua cultura e do seu contexto social, buscando desenvolver materiais didáticos e textos cuja leitura seja relevante para os mesmos, que reflitam a sua própria realidade, mantendo-os, assim, atentos às atividades em sala de aula, e obtenham resultados satisfatórios. Paulo Freire (2021) destaca a importância do conhecimento teórico-prático da realidade concreta em que os professores atuam. Ele considera fundamental que os educadores estejam abertos à realidade dos alunos com quem compartilham suas atividades pedagógicas.

O presente trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica, recorrendo à reflexão de diferentes autores, visando ao aprofundamento a respeito das indagações propostas. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esse tipo de pesquisa possibilita a construção de novos conhecimentos, o aprendizado sobre determinado conteúdo, a partir da consulta a obras já publicadas.

Os Desafios Encontrados no Contexto da Sala de Aula da EJA

Segundo Silva, Queiroz e Monteiro (2014), podemos perceber diversos desafios no contexto do ensino na modalidade EJA, tanto por parte dos educadores como dos educandos. Estes são jovens e adultos que voltam à escola

tardiamente, trazendo consigo uma bagagem com inúmeras dificuldades, sendo essas de ordem econômica, social, física ou intelectual. No entanto, com um olhar para o futuro, sonham em conquistar seus espaços na sociedade, descobrir os seus direitos e lutar por eles, tendo autonomia e segurança para cobrá-los, tornando-se indivíduos críticos, que não se calam diante das adversidades.

Em contrapartida, temos os docentes com os desafios e propostas a serem alcançados, sem terem qualificação adequada para o exercício da docência na modalidade, pois não há formação específica para esse fim, o que os obriga a buscar seus próprios métodos para manter esses sujeitos no ambiente de sala de aula, uma vez que apenas recentemente os cursos de Pedagogia oferecem na sua grade curricular disciplinas que abordam o estudo da EJA.

O educador da EJA deve levar em consideração a história de vida do seu educando, ampliando, dessa forma, os seus conhecimentos e possibilidades de favorecer um processo de ensino e aprendizagem condizente com o contexto em que se desenvolve. Deve considerar a necessidade de cada educando, pois são as experiências de vida desses educandos que possibilitarão o bom êxito do processo de alfabetização. Freire (2021, p. 5) salienta a importância desse conhecimento da realidade, isto é, a consciência acerca das estruturas injustas, que possibilita aos estudantes a capacidade de intervenção no mundo, para a sua transformação. A diminuição da distância que separa o educador das condições de vida dos estudantes tem como objetivo a mudança do mundo, da realidade, no sentido da superação.

Quando o educador se aproxima da realidade do educando, abre-se à oportunidade de conhecê-lo e compreender suas especificidades. Às vezes, observa-se que a diferença de idade em relação aos educandos da EJA pode se constituir uma dificuldade na relação, considerando a diversidade de rostos, vozes, culturas e histórias de vida, cada um com sua própria identidade. Neste sentido, o professor deve estar atento e ser mediador, para evitar possíveis conflitos, levando em consideração que esses sujeitos chegam à escola depois

de um dia cansativo de trabalho, muitas vezes sem uma alimentação adequada. É necessário considerar, também, que alguns deles são os únicos responsáveis pela renda familiar; outros, ainda, encontram-se desempregados. Além disso, cada um desses educandos apresenta a sua própria opinião, sua visão de mundo, que pode divergir da perspectiva dos outros, o que faz com que, em algumas situações, as suas relações não sejam tão harmoniosas.

De acordo com os estudos de Edwirges Zaccur (2015, p. 6), há muitos alfabetizadores que realizam trabalhos que partem das histórias de vida dos educandos, primeiro a partir da contação oral dessas histórias e depois com o registro escrito. Essas histórias se tornam, assim, os textos que auxiliam no processo da alfabetização.

Tais práticas docentes levam os educandos a se interessar pelas aulas e assim obterem o resultado satisfatório da aprendizagem, evitando a evasão da sala de aula, considerando que a sua alfabetização vai além de ler e escrever, uma vez que os seus saberes não foram ignorados pelo docente. Por essa razão, tal prática educativa revela-se eficaz, pois o educando, reconhecendo-se nas histórias e nos recursos didáticos desenvolvidos pelo educador, torna-se mais interessado em participar desses momentos educativos.

Outro desafio que essa modalidade enfrenta é a ausência de políticas públicas em favor deles por parte dos governantes, nas esferas federal, estadual e municipal, que têm como consequência a invisibilidade da EJA nas políticas implementadas pelos sistemas de ensino.

Ademais, devemos estar atentos a todos os desafios, pois, não basta o sistema público de ensino oferecer vagas nas escolas. É necessário, também, oportunizar o acesso dos estudantes que compõem o público-alvo da EJA, considerando que muitos não possuem transporte e moram distantes das escolas. Faz-se necessário, portanto, pensar em soluções que atendam a estas demandas. Outro desafio que constatamos é a falta de comunicação acerca dos locais que oferecem a EJA, considerando que os estudantes provêm, na maioria das

vezes, das periferias, são sujeitos marginalizados, que, vítimas de um sistema corrompido, não são alcançados e continuam sendo os maiores prejudicados, uma vez que a educação é uma ferramenta poderosa para a emancipação do ser humano (Freire, 2020).

Práticas Pedagógicas Construídas na EJA

Os educadores da EJA precisa compreender as histórias de vida dos educandos, seu contexto social, seus conhecimentos teóricos e sua cultura. Freire (2021) refere-se constantemente à importância da cultura, ressaltando a importância de o próprio ser humano escrever sua história. A partir disso, conhecendo a realidade dos educandos, o educador planeja e articula da melhor forma possível o seu trabalho docente para que os educandos tenham uma aula voltada para a sua cultura, sua realidade social.

É importante que haja um diálogo entre educador e educando, pois, assim, é possível aprender e ensinar. É importante destacar que os educandos não chegam na sala de aula vazios; eles já trazem uma bagagem de saberes e muitas vezes sentem vergonha de compartilhar seu conhecimento por medo de serem reprimidos. Tal conhecimento deve ser valorizado pelo educador:

A priorização da “relação dialógica” no ensino que permite o respeito à cultura do aluno, a valorização do conhecimento que o educando traz, enfim, um trabalho a partir da visão do mundo do educando é sem dúvida um dos eixos fundamentais sobre os quais deve se apoiar a prática pedagógica de professores (Freire, 2021, p. 82).

Além disso, faz-se necessário que o educador seja criativo em suas aulas. As práticas pedagógicas docentes devem ser trabalhadas de uma maneira que chame a atenção do educando, fazendo com ele participe ativamente das aulas, desenvolvendo habilidades e conhecimentos, tornando-se, assim um sujeito social crítico. O educador precisa utilizar recursos didáticos diversificados, recorrendo, em situações oportunas, ao uso das tecnologias de co-

municação digital, de maneira que promova o intercâmbio dialógico criativo educador-educando.

É importante destacar que alguns educandos da EJA precisam conciliar estudos com trabalho e responsabilidades familiares, o que acaba tornando difícil sua permanência na escola e a participação regular nas aulas. Muitas vezes, quando conseguem ir à escola, acabam chegando cansados e desmotivados. Por essa razão, compreende-se a importância de uma prática pedagógica bem planejada, que considere as especificidades dos educandos em seus processos de ensino e aprendizagem.

Observando as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores, percebe-se que é necessário reorganizá-las e recriá-las, de modo a atender as demandas atuais dos estudantes da EJA. Segundo Oliveira (2007, p. 85), é possível entender que “alfabetizar adultos requer o desenvolvimento de um trabalho diferente daquele destinado às crianças nas escolas regulares “. Por isso é importante trazer a realidade do educando para a sala de aula, pois, dessa forma, o aprendizado acontece de maneira produtiva.

Considerações Finais

Pesquisar sobre Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um estudo relevante, pelos valores que agrega à nossa visão de mundo e à nossa própria identidade enquanto acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia. Construir conhecimento sobre esses sujeitos, que por vezes são invisíveis para toda uma sociedade, desperta-nos para o interesse em ver mudança na história do nosso país e nos proporciona a reflexão sobre a realidade dessa modalidade de ensino nas escolas públicas. Tal modalidade oportuniza educação a sujeitos que não foram alfabetizados em idade apropriada e que, mesmo enfrentando variados desafios, superam essas barreiras que lhe são impostas, movidos pelo propósito de aprenderem a ler, escrever, a serem cidadãos críticos, com uma vi-

são de mundo mais ampla, conquistando, assim, a capacidade de serem sujeitos de sua própria história.

Além desse ponto de vista, ressaltamos que os educadores da EJA devem trabalhar com empatia, observando se seus educandos estão, realmente, entendendo e aprendendo o conteúdo que está sendo desenvolvido. Muitos desses educandos, efetivamente, chegam à sala de aula cansados e sem ânimo, depois de uma exaustiva jornada de trabalho, que acaba causando sonolência no momento da exposição da aula. Por esta razão, faz-se necessário que o professor da EJA planeje bem as suas aulas, tornando-as atrativas e interessantes, para manter a atenção dos estudantes. Portanto, faz-se necessário uma formação docente adequada para essa prática, de modo que o educador da EJA se torne um contínuo pesquisador, ou seja, faça uma constante atualização dos seus conhecimento e habilidades, para o atendimento ao corpo discente, que é o seu público-alvo principal e protagonista do processo educativo.

Podemos concluir que a nossa pesquisa foi oportuna e relevante, uma vez que nos levou a uma melhor compreensão acerca dos desafios enfrentados cotidianamente por educadores e educandos da EJA. Ao apresentar a nossa reflexão, cremos contribuir para a discussão a respeito da necessidade de formação de educadores que, por sua vez, se comprometam com a promoção de uma educação de jovens e adultos que evadem da escola por não terem apoio familiar e por se sentirem desmotivados e excluídos. Embora saibamos que as políticas públicas não são favoráveis, não dão visibilidade a modalidade EJA, é crucial que cada educador cumpra seu papel com comprometimento e excelência.

Referências

ARROYO, Miguel González. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Editora Vozes Limitada, 2017.

COSTA, Danielle Sobral Porto; AMORIM, Antônio. Desafios e perspectivas dos Alunos da EJA na Escola Contemporânea. **Cadernos de Educação Básica**, v. 5, n. 3, p. 1-20, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico**. São Paulo: Atlas, p. 6, 2007.

SANTIAGO, Maria Eliete. Formação, currículo e prática pedagógica em Paulo Freire. In: BATISTA NETO, José; SANTIAGO, Eliete (org). **Formação de professores e Prática Pedagógica**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, p. 72-87, 2006.

SILVA, Jaqueline Luzia da. Desafios e pressupostos atuais da alfabetização na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 15, p. 1-11, 2021.

SILVA, Simone Pereira da; QUEIROZ, Adriana Matias; MONTEIRO, Vitória Barreto. **O papel dos professores da EJA: perspectivas e desafios**. 2014.

ZACCUR, Edwiges. Aprendizagens leitoras & leituras alfabetizadoras. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf** | ISSN: 2446-8576 / e-ISSN: 2446-8584 Vitória, ES | v. 1 | n. 1 | p. 77-90 | jan./jun. 2015

CAPÍTULO 6

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Hemily Tainara da Costa Duarte

Jasminy Graicianny Alves Vieira

Doi: 10.48209/978-65-5417-396-6

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem se firmado nas últimas décadas no Brasil, configurando-se como uma relevante iniciativa para a promoção e o resgate da dignidade de jovens e adultos que, por diversas razões, nunca puderam frequentar a escola ou tiveram que abandoná-la. Com o passar dos anos, tem crescido a demanda por essa modalidade de ensino, ao mesmo tempo em que se revelam as suas fragilidades, especialmente no que diz respeito à formação docente específica para o público-alvo da EJA. Arroyo (2006, p. 18) afirma que “o perfil do educador da EJA e sua formação encontram-se ainda em construção”. Por essa razão, faz-se necessário observar a prática docente desenvolvida na modalidade, uma vez que é fundamental que os professores estejam capacitados para lidar com o seu público-alvo, atentos às mudanças constantes da sociedade e ao perfil específicos de seus estudantes.

Os docentes que atuam nesse contexto educacional enfrentam desafios significativos que demandam habilidades, compreensão e dedicação especiais.

Esta pesquisa tem como questão norteadora: quais são as dificuldades enfrentadas pelos docentes da EJA no processo de ensino-aprendizagem? No decorrer das próximas páginas observamos algumas questões que se apresentam no cotidiano os educadores, como: material didático específico, o domínio docente, a formação do educador, a motivação do docente e dos estudantes no espaço da EJA.

Dessa forma, o objetivo central desta investigação é identificar os principais desafios pedagógicos enfrentados pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos. Esta pesquisa tem como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica, a partir de leituras de artigos científicos sobre o tema, nas plataformas Google Acadêmico e Scielo.

Esperamos que os leitores obtenham um conhecimento mais específico em relação aos obstáculos enfrentados pelos professores da EJA e compreendam a importância de reconhecer e valorizar o trabalho desses profissionais dedicados, que buscam formação, suporte adequado e oportunidades de desenvolvimento profissional para poderem enfrentar tais desafios de maneira eficaz.

O que é a Educação de Jovens e Adultos?

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade do ensino fundamental e do ensino médio, que possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram oportunidades de concluírem seus estudos na idade adequada, podendo assim dar continuidade em seus estudos. Tem como objetivo central a erradicação do analfabetismo e a preparação e capacitação da população de jovens e adultos para o mercado de trabalho.

A EJA é regulada pela legislação vigente da educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, que garante, no Artigo 37, que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

Ou seja, espera-se dessa lei que ela assegure que o ensino seja posto para esses indivíduos, já que eles não conseguiram concluir os estudos.

O documento Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) discorre que a EJA é composta por três etapas: A primeira corresponde ao ensino fundamental, que são os anos iniciais (do 1º ao 5º ano), destinados a jovens a partir de 15 anos; a segunda etapa refere-se àqueles que não concluíram os anos finais do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano); e, por fim, a terceira etapa, que é destinada às pessoas a partir dos 18 anos de idade que não finalizaram o ensino médio completo (1º ao 3º ano). Além dessas etapas, na modalidade EJA estão incluídos cursos profissionalizantes, que visam oferecer a esse público-alvo oportunidades de ingressarem no mercado de trabalho, após a sua conclusão.

Desafios Encontrados na EJA

As dificuldades enfrentadas pelos docentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) são bastante variadas, uma vez que seu público não é constituído de “quaisquer jovens e adultos; são jovens e adultos com rostos, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia” (Arroyo, 2006, p.22). Os discentes da EJA compõem, portanto, um universo variado de vivências que devem ser consideradas na sua trajetória escolar. Por essa razão, faz-se necessário, na educação de jovens e adultos, que o educador que obtenha uma formação qualificada para atender as necessidades dessa modalidade. É fundamental que os docentes entendam a importância que é a EJA e quão necessário é incluir essas trajetórias e experiências na sua prática pedagógica, uma vez que elas constituem um auxílio no processo e aprendizagem dos discentes. Em concordância com essa ideia o documento das DCN's da EJA afirma:

[...] o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um vo-

luntário idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (Brasil, 2000, p. 56).

Os educadores, assim, encontram a sua motivação na própria consciência de que estão ajudando os educandos a adquirir novas experiências e aprendizagens. Quando nos aprofundamos nesta questão, percebemos a sua complexidade e desafios, considerando a realidade dos educandos, que devem conciliar os estudos com o trabalho e suas relações familiares e pessoais. Bzuneck (2000) enfatiza que “a motivação ou o motivo é aquilo que move uma pessoa ou aquilo que a põe em ação ou faz mudar de curso”. Neste ponto, cabe incluir também que os professores se sentem motivados pelo reconhecimento do seu trabalho, quando é bem realizado, pelo progresso do aluno em determinado conteúdo, pela remuneração adequada. Cabe também salientar que muitas vezes o educador se sente desmotivado devido à carga horária excessiva, que supõe uma jornada fatigante, mas que, pela sua própria necessidade financeira, acaba sendo “a única opção”. Entende-se que é importante haver uma troca significativa de diálogos e experiências entre o docente e o discente, para que compreendam suas necessidades e sejam capazes de superá-las. Oliveira (2004, p. 4) aborda que:

Com suas histórias de vida , que reúnem marcas identitárias semelhantes e ao mesmo tempo singulares, é como se esses sujeitos educandos e educadores compartilhassem, na relação pedagógica, o encontro de diversas experiências ; o encontro da desigualdade de oportunidades; da negação do direito à educação e a formação; o encontro das jornadas duplas ou triplas de trabalho; o encontro do desemprego e do subemprego; das lutas na cidade e no campo por uma educação de qualidade; e, conseqüentemente, o encontro da luta pela afirmação do direito na busca de construção de um projeto apropriado aos diferentes segmentos marginalizados a quem a EJA se destina.

Oliveira discorre sobre a complexidade das experiências vividas tanto pelos alunos quanto pelos professores na Educação de Jovens e Adultos (EJA), mostrando as realidades adversas em que se encontram. A mesmo tempo, re-

flete como essa situação constitui um desafio para que o ensino seja produtivo e proveitoso. Por esta razão, faz-se necessário que os educadores desenvolvam estratégias de ensino adaptadas ao contexto, além de promover um bom diálogo com os educandos, baseado na confiança, no respeito e na amorosidade, incentivando os mesmos a se expressarem, tirarem dúvidas, para que, assim, se tornarem cidadãos críticos, autônomos e conscientes do seu papel na sociedade.

Observando o cenário da EJA, percebe-se a importância de que o docente tenha domínio acerca dos conhecimentos e habilidades que deve ter para exercer a sua função de educador de forma eficaz, considerando, como já discorrido ao longo do texto, que a EJA é uma modalidade de ensino exigente, devido às suas particularidades. Por essa razão, é importante que os professores reconheçam e valorizem as singularidades de cada educando, integrando esses conhecimentos em suas estratégias pedagógicas, para que o processo de ensino e aprendizagem tenha bons resultados. Também é importante que eles utilizem metodologias adequadas. Dessa forma, com o domínio do conteúdo e das estratégias pedagógicas bem escolhidas, é mais fácil para o professor abordar o conteúdo e trazer recursos variados e atrativos aos olhos dos discentes da educação de jovens e adultos. Zabala (1998), refletindo sobre o tema, assevera:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivo, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação (Zabala, 1998, p. 29).

Sabemos dos desafios enfrentados na EJA e o quão desmotivados os professores às vezes estão, porém é importante enfatizar que no ensino, por mais que existam esses impasses, para que a educação tenha qualidade é importante que o ensino seja vivenciado de forma eficaz. Por isso, faz-se necessário que os docentes tenham uma formação consistente.

Segundo Araújo e Martins (2019), no seu artigo sobre “os desafios enfrentados pelos professores da educação de jovens e adultos diante do processo de avaliação de aprendizagem dos alunos”, enfatizam que existem várias adversidades no processo de ensino, como a falta de materiais didáticos específicos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Vóvios e Bicas afirmam que:

Os recursos materiais para o trabalho em sala de aula são escassos. Conta-se com uma pequena verba para compra de materiais escolares; raras vezes dispõe-se de acervos próprios ou bibliotecas que atendam às educadoras e seus alunos. Também não estão disponíveis equipamentos para reprodução de materiais didáticos. Restam o quadro de giz, as folhas para cartazes e a necessária disposição e criatividade para atuar em tais condições” (Vóvios; Bicas, 2005, p. 203).

Nessa perspectiva, podemos entender o quão fundamental é o recurso a materiais didáticos específicos, pois, com materiais avulsos e aleatórios, sem considerar a faixa etária da EJA, a compreensão da atividade pedagógica fica prejudicada, além de causar a infantilização do adulto, com materiais inadequados para sua idade, não deixando assim espaço para sua imaginação e criatividade. É perceptível a falta de investimento nos materiais didáticos relacionados à EJA, o que afeta negativamente o ensino de qualidade.

O Perfil do Educador na EJA

Na Educação de Jovens e Adultos, o professor deve entender que os alunos não são uma caixa vazia e que ele não é o detentor do conhecimento. O professor é um guia que conduz os alunos a pensarem. Paulo Freire (2021), ao introduzir o conceito crítico de educação bancária, enfatiza que o professor é o libertador dos educandos para a vida, uma vez que a ação de educar alguém vai muito além de ensinar, de aprender e até mesmo do fazer. Diante do que foi mencionado, podemos perceber que o docente se torna uma referência de incentivo dentro da sala de aula, revelando-se como orientador da aprendizagem, para que os discentes se tornem cidadãos autônomos e sujeitos críticos.

É de fundamental importância que o professor tenha um olhar crítico para sua turma, conseguindo assim identificar suas dificuldades e necessidades, como reflete Schwartz (1998, p. 35): “competem aos professores usarem de sua inteligência para notarem a necessidade de cada aluno, de cada turma e assim poder caminhar junto com seus alunos em um vasto caminho de conhecimento e boas experiências”. O professor na EJA é desafiado cotidianamente a buscar métodos inovadores para suas aulas, pois os alunos são indivíduos que trabalham e quando chegam à escola, no final do dia, estão cansados. Cabe, então, ao professor, ser mais criativo e paciente, pois as técnicas tradicionais de ensino podem gerar uma aula mais padronizada, que não atende à diversidade de demandas e diferenças de ritmos que caracterizam os indivíduos da EJA. Assim, percebe-se a necessidade de recorrer a formas variadas de ensino, que possam despertar a atenção e o interesse dos jovens e adultos educandos. As técnicas tradicionais não são eficientes neste caso, pois costumam deixar os educandos passivos, sem participar da atividade pedagógica.

Na Educação de Jovens e Adultos é fundamental que o professor seja flexível e capaz de adaptar suas metodologias para que possa atender as diferentes necessidades e estilos de aprendizagem. O docente precisa ter a capacidade de compreender as experiências de vida, desafios e motivações dos alunos adultos, demonstrando empatia e respeito diante da diversidade no percurso educacional e pessoal dos alunos. As metodologias aplicadas pelo educador devem auxiliar o educando a despertar para o pensar crítico sobre a sociedade em que está inserido, tirando-o da sua zona de conforto, ao estabelecer conexões com seu cotidiano.

Nesse sentido, o educador exerce um papel de fundamental importância no processo educativo, pois o mesmo não representa apenas um transmissor de informações, mas age como um mediador da aprendizagem e incentivador do desenvolvimento pessoal e profissional de seus alunos. O docente deve apresentar uma série de habilidades e competências específicas para manejar com

seu público, que traz consigo uma visão de mundo já formada. Nesse sentido, o parecer do CNE/CEB 11/2000 alega que:

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (CNE/CEB, 2000, p. 56).

Por conseguinte, compreendemos que é fundamental levar em consideração a formação do profissional na modalidade. É importante lembrar que o profissional da Educação de Jovens e Adultos deve estar preparado para agir empaticamente, pois na EJA existem diversas particularidades e o educador deve encontrar maneiras de compreender essas especificidades e necessidades individuais dos alunos, para que, dessa maneira, possam proporcionar uma educação de qualidade, promovendo um ambiente acolhedor e estimulante, ajudando os discentes na sua evolução.

As Práticas Pedagógicas

As práticas pedagógicas se referem às estratégias, métodos e ações que o educador utiliza em sala de aula. São fundamentais para garantir um ensino de qualidade que, ao mesmo tempo, respeite as particularidades dos alunos, considerando o princípio freireano segundo o qual “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2021, p. 27). Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o professor pode oferecer uma prática pedagógica que valorize os diferentes estilos de vida dos alunos, promovendo uma participação mais ativa e estimulando a autonomia. Assim, pode-se utilizar variações de métodos e recursos pedagógicos para alcançar bons resultados na aprendizagem. Isto posto, é importante lembrar que o educador em EJA aberto ao diálogo e às diferentes opiniões dos

alunos, buscando sempre incentivar os estudantes em seu processo de ensino e aprendizagem.

Faz-se necessário, outrossim, que o docente da Educação de Jovens e Adultos tenha um olhar transformador sobre o espaço em que ele está inserido, pois, se a aula na EJA for dada todos dias de forma “tradicional” – em que apenas ele é o detentor do conhecimento e só ele fala – o aluno sente-se desmotivado e incapaz de pensamentos críticos sobre o mundo. É importante destacar, também, que o ensino de boa qualidade se dá em um espaço físico qualificado. Por essa razão, é fundamental que os alunos da EJA estejam assistindo aula em um local bom para seu desenvolvimento, pois muitas vezes, por causa do espaço sem estrutura adequada, o professor fica sem condições criativas para desenvolver um bom trabalho, e com isso alunos se sentem desmotivados, o que acaba causando a evasão escolar.

É, portanto, fundamental que os educadores sejam capacitados para lidar com heterogeneidades e desafios que essa modalidade de ensino apresenta. Além disso, as práticas pedagógicas devem ser contextualizadas e significativas, utilizando estratégias que levem os alunos a dialogarem, expressarem suas opiniões, tornando o aprendizado mais atrativo e eficaz. Logo, as práticas pedagógicas servem não apenas para preparar o aluno para o mercado de trabalho, mas também para o exercício crítico da cidadania, em vista da transformação da sociedade.

Conforme Caldeira e Zaidan (1988, p. 72), entende-se a prática pedagógica “como uma prática social complexa, que acontece em diferentes espaços/tempos da escola, no cotidiano de professores e alunos nela envolvidos e de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecer”. Embora sabendo que a construção do conhecimento pode ocorrer em diversos ambientes, as práticas pedagógicas de um educador acontecem, comumente, em sala de aula, espaço-tempo de vínculos e interação entre educador e educando, incluindo a troca de experiências e o diálogo. Logo, as práticas pedagógicas têm como finalidade estimular o aprendizado dos alunos, possibilitando ações que favoreçam a seu crescimento.

Considerações Finais

Esse capítulo teve como propósito compreender os principais obstáculos enfrentados pelos educadores na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Ao longo do capítulo, conseguimos identificar os desafios que os professores enfrentam. Constatamos que a EJA é uma modalidade que necessita de várias melhorias, como por exemplo, um ambiente escolar acolhedor e inclusivo. Também é imprescindível que os docentes se conscientizem da importância de utilizar estratégias pedagógicas diferenciadas, trazendo a realidade dos educandos, para que eles consigam fazer com que seus alunos foquem na aula.

Conclui-se, assim, que a Educação de Jovens e Adultos demanda dos docentes uma qualificação profissional específica e adequada para esta modalidade. Nesse sentido, faz-se necessário que se promova, além da formação docente inicial, a formação continuada, proporcionando para esses educadores o aprimoramento das práticas pedagógicas. Dessa forma, os educadores da EJA estarão desempenhando o seu papel com profissionais dedicados e comprometidos com a formação de sujeitos sociais críticos, consciente e atuantes na transformação de suas realidades.

Referências

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de; MARTINS, Mayara Carvalho. Os desafios enfrentados pelos professores da Educação de Jovens e Adultos diante do processo de avaliação da aprendizagem dos alunos. **Revista EJA em Debate**. Ano 8, N. 14, p. (1-17), dezembro de 2019.

ARROYO, Miguel González. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (org.) **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/Secad-MEC/Unesco, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)** Lei nº 9394 em 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's)**. 2000.

BRASIL. **Educa mais Brasil**, 2018.

BORUCHOVITCH, Evely; BUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro; ZAIDAN, Samira. Prática pedagógica. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Ana Maria Cancelli; VIEIRA, Lívia Maria Fraga (Org.). **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). Parecer CNE/CEB nº 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: maio de 2000. (Brasil, 2000).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

OLIVEIRA, Edna Castro. Sujeitos-professores da EJA: visões de si mesmos em diferentes contextos e práticas. In: TV Escola, Salto para o Futuro. **Boletim**, 20 a 29 set., 2004.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.1998.

VÓVIO, Cláudia Lemos; BICAS, Maurilene de Souza. **A educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. ORGANIZAÇÃO: Departamento de Educação de Jovens e Adultos/ Secad e Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil-RAAAB.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

CAPÍTULO 7

AS METODOLOGIAS ATIVAS NA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Deisiany Marques Lima

Lucineide Castro Rocha

Doi: 10.48209/978-65-5417-396-7

Introdução

Desde o início da colonização, a Educação de Adultos era ligada às pessoas que pertenciam as classes mais desfavorecidas da sociedade. Percebe-se, no entanto, que o fator econômico como componente da desigualdade social, com suas nocivas consequências para a educação na sociedade brasileira, continua predominante até os dias atuais, considerando que este público encontra com dificuldades para ter um acesso a uma Educação de qualidade e para todos.

Todavia, não podemos falar de Educação, sem mencionar o mediador que irá transmitir esses conhecimentos científicos aos alunos: o Docente, com seus planejamentos e metodologias necessárias para contribuir na aprendizagem. Segundo Moran (2018), a expressão metodologias ativas refere-se a uma elaboração de estratégias didáticas que proporcionam redefinir o aprendizado, tendo como foco o aluno como protagonista de seu próprio aprendizado, servindo como estímulo para os conteúdos abordados. As metodologias Ativas contri-

buem com a aprendizagem dos alunos da EJA, tornando-a mais significativa, pela diversidade de abordagem das atividades desenvolvidas em sala de aula, concedendo ao aluno um papel ativo, fundamental para a educação.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as metodologias utilizadas pelos docentes na sala de aula na Educação de Jovens e Adultos (EJA), visando o protagonismo dos alunos desta modalidade no processo de construção da aprendizagem, a partir da seguinte problemática: Quais as dificuldades enfrentadas pelos alunos na implementação das metodologias ativas?

O trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico, que, segundo Gil (2019), fundamenta-se a partir de estudos já publicados. Foram feitas pesquisas na base de dados do google acadêmico em artigos científicos e sites que falam sobre “as metodologias ativas usadas pelos docentes na modalidade EJA”, para a fundamentação teórica do estudo.

Especificidades do Sujeito da EJA

Os sujeitos da EJA são jovens e adultos que não tiveram oportunidades de concluir seus estudos na idade adequada, proposta pela Lei de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (LDB) Lei N°9.394/96, que tornou obrigatória e gratuita a educação básica dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade (Brasil, 1996, Art. 6º. § I). Assim, a EJA atende a pessoas de diversas faixas etárias, com variedade de experiências de vida e níveis de educação. São sujeitos provenientes das várias regiões do Brasil e que, por essa razão, apresentam diferentes visões de mundo, marcadas por traços singulares como cultura, situação social e condição econômica. Oliveira (2011) aponta três complementos que nos auxiliam a definir o lugar social dos alunos que constituem o público-alvo da EJA: a condição de não-criança; a condição de excluídos da escola e a condição de membros de um determinado grupo cultural. Essa diversidade se verifica ao encontrar em uma mesma turma da EJA idosos, jovens e adultos, com características e realidades diferentes. Segundo Arroyo (2006, p. 24):

O público da EJA é composto por jovens e adultos com uma história [...] que tem que ser reconhecida, para acertar com projetos que deem conta de sua realidade e de sua condição. Sabemos muito pouco sobre a construção dessa juventude, desses jovens e adultos populares com trajetórias humanas cada vez mais precarizadas.

Com toda essa diversidade, experiências e bagagem cultural que carregam consigo, essas pessoas acabam se tornando um público bastante heterogêneo, levando em consideração toda a vivência presente em cada trajetória, o que exige do educador um olhar mais atento e sensível para as especificidades de cada educando. Segundo Freire (2021), o ensinar não é apenas transferir conhecimento, e sim criar as possibilidades para sua própria construção, ressaltando a importância de não apenas transferir, de forma passiva, conhecimento já elaborado, e sim criar condições para que os alunos da Educação de Jovens e Adultos possam construir seu próprio conhecimento, levando em consideração sua realidade.

Arroyo (2017) destaca que a percepção das diversidades em nossa sociedade acentuou-se em décadas recentes e que estas se segmentam em termos como raça, gênero, etnia, território, entre outras múltiplas divergências, pontuando que “a diversidade se converte em desigualdades e os movimentos sociais desses cidadãos propõem-se a defender e não querer anular suas diversidades em políticas de integração, em espaços horrendos, sem rosto, sem cor” (Arroyo, 2017, p. 12).

Metodologias Ativas Utilizadas pelos Docentes da EJA

As metodologias ativas vêm se mostrando cada vez mais eficazes para promover a autonomia e a participação no processo educativo, apresentando os educandos como protagonistas do processo de ensino e aprendizagem. Moran (2018) considera as metodologias ativas como estratégias didáticas que podem proporcionar uma ressignificação do aprendizado e da prática docente.

Os adultos, que constituem boa parte da EJA, aprendem de modo diferente, tendo experiência, independência e responsabilidade nas esferas familiar, no trabalho e vida social. Por essa razão, é importante desenvolver estratégias didáticas que deem sentido ao seu processo de ensino e aprendizagem. O uso de metodologias ativas deve ser proposto para alcançar os objetivos desejados, com abordagens que coloquem os estudantes em ação, baseadas em resolução de problemas.

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (Moran, 2015, p. 17).

Entretanto, para que esse aprendizado seja constante e proveitoso, o docente precisa adotar algumas estratégias para obter esse “protagonismo” em sala, tais como: promover a participação ativa dos alunos nas aulas, incentivando a expressão de suas opiniões, ideias e dúvidas; propor atividades práticas e contextualizadas, que tenham significado para os alunos e os estimulem a aplicar os conhecimentos adquiridos em situações do seu cotidiano; valorizar a diversidade e as experiências de vida dos estudantes, buscando estabelecer conexões entre o conteúdo curricular e a realidade de cada um; criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e estimulante, onde os estudantes se sintam seguros para expressar suas ideias e desenvolver suas habilidades.

As estratégias citadas contribuem para que os alunos se tornem mais motivados. Dessa forma, as metodologias ativas, que partem de situações reais do seu cotidiano, fortalecem a autonomia dos estudantes adultos que preferem atividades nas quais participam como autores, mediados pelo docente, rompendo, assim, o modelo tradicional da Educação, e inserindo o pensamento mais crítico.

A importância de resgatar a autoconfiança do aluno é um dos fatores da educação emancipadora proposta por Freire (2021). Se o aluno não acreditar em si mesmo, não conseguirá se libertar de sua condição social. Tal atitude de autoconfiança e autonomia é fortalecida no processo educativo pela aplicação das metodologias ativas, ao promover a interação do aluno com o mundo e a sociedade em que vive.

Os Desafios Vivenciados pelos Discentes da EJA com a Implementação das Metodologias Ativas

Segundo Silva (2021), é pertinente a aplicação das metodologias ativas no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), porque consiste em uma nova concepção educacional em que os alunos são postos como principais agentes de seu aprendizado. Entende-se a importância da implementação destas metodologias, uma vez que, além de ajudarem os alunos a se tornarem protagonistas do seu próprio aprendizado, também o estimulam à participação, autonomia e o desenvolvimento de habilidades, no contexto de uma aprendizagem mais significativa, não repetitiva.

Entre as metodologias que podem ser aplicadas, destacam-se: projetos que possuem relevância para suas vidas, proporcionando a investigação e a colaboração na prática do conhecimento; atividades que mobilizem a cooperação entre os estudantes, como debates, trabalhos em grupo, promovendo assim a troca de experiências de habilidades sociais; atividades que proporcionem situações desafiadoras, incentivando a curiosidade e o pensamento crítico. No contexto da EJA, no entanto, essa implementação não é tão fácil e rápida como podemos imaginar, uma vez que os sujeitos desta modalidade de ensino costumam ter diferentes níveis de escolaridade, de maturidade e de experiências de vida.

A modalidade EJA abrange várias faixas etárias, incluindo pessoas que estão acostumadas com o ensino tradicional, no qual o professor é o detentor

do conhecimento que deposita no aluno, sem considerar os saberes que ele já possui, situação caracterizada por Freire (2020) como educação bancária. Esta concepção tradicional de educação não admite que possa haver uma troca entre educadores e educandos. Muitos educandos jovens e adultos chegam à EJA com a vivência desse modelo de ensino, que condiciona a sua forma de aprender, o que torna desafiadora a sua adaptação a uma proposta de educação emancipadora, uma vez que eles terão que mudar de um papel passivo no processo de ensino aprendizagem para um papel ativo e participativo.

Outra questão que se apresenta como desafiadora para a EJA, no que se refere ao rendimento dos alunos em sala de aula, é a sobrecarga de trabalho que têm de enfrentar. Muitos desses sujeitos são obrigados a trabalhar, estudar e cuidar da família ao mesmo tempo, o que dificulta a reintegração em sala, comprometendo a sua formação. A sobrecarga de responsabilidades acaba dificultando a conciliação de atividades, uma vez que limita sua disponibilidade para participar de tarefas práticas e colaborativas propostas pelos educadores. Nessa mesma lógica, os deveres mencionados acabam impedindo a reintegração à escola, considerando que os educadores, mesmo recorrendo à aplicação das metodologias ativas e outras estratégias pedagógicas, têm dificuldade de impedir a evasão escolar dos educandos.

Berbel (2011) discorre sobre a motivação dos discentes que aprendem através das metodologias ativas, que se revelam um instrumento eficaz para a sua emancipação e autonomia, ressaltando as suas potencialidades, uma vez que despertam a curiosidade por desvendar conceitos, formar seu próprio ponto de vista e opiniões, diferentes do que o educador apresenta, considerando sua vivência, que é única e singular.

Nessa perspectiva, percebemos as metodologias ativas como sendo um conjunto de atividades organizadas, que conta com a intenção educativa, em que os estudantes atuam como agentes ativos no processo de aprendizagem, através de estratégias pedagógicas que estimula, a produção do conhecimento. As metodologias ativas são, portanto, interessantes para a modalidade EJA porque trazem grandes benefícios: adquirir maior autônomo, desenvolver a confiança, tornar-se mais qualificado e valorizado, além de ser o protagonista do seu aprendizado (Berbel, 2011, p. 28).

Combinando estratégias que podem contribuir para alcançar os objetivos propostos pelas metodologias ativas, a aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) é uma metodologia ativa pedagógica que vai além da transmissão de conteúdo e busca construir, com os estudantes, um conhecimento ativo. Leite e Esteves (2015) definem a Aprendizagem Baseada em Problemas como uma perspectiva centrada no estudante, que o qualifica a realizar pesquisas e aplicar conhecimentos inerentes à sua área de conhecimento, para poder apresentar uma solução viável a um problema definido.

Portanto, essa metodologia – a ABP – estimula a relação entre os estudantes, desenvolve habilidades de comunicação, liderança e trabalho em equipe, visa preparar esses estudantes para tornar possível a sua inclusão no mercado de trabalho, com uma visão mais crítica e criativa. Para promover essas estratégias de ensino, é fundamental que o educador ofereça suporte e orientação adequada aos estudantes, adaptando as atividades às suas necessidades e à sua realidade, sempre trazendo situações do cotidiano, considerando a sua cultura, para que esse aprendizado seja proveitoso, qualificando-o como sujeito social ativo e autônomo, capaz de incidir, com suas atitudes, para a transformação da sociedade.

Considerações Finais

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta desafios significativos ao aplicar as metodologias ativas, uma vez que exige dos docentes que conheçam as especificidades desse público, as dificuldades de aprendizado, as suas origens e as adversidades do contexto em que vivem, desenvolvendo, assim, metodologias adaptadas para atender as necessidades de cada um.

Além disso, considerando os desafios enfrentados pelos educandos e educadores, é necessário que haja um planejamento pedagógico cuidadoso, uma preparação para que esses docentes possam lidar com esse público e suas

especificidades pessoais, culturais e sociais. A implementação dessas metodologias ativas tem se mostrado cada vez mais uma ferramenta inovadora e adequada para o processo de ensino aprendizagem, estimulando a criatividade e a elaboração do pensar autônomo e crítico.

O contributo das metodologias ativas para os processos educativos tem sido reconhecido por diversos educadores e pesquisadores, incluindo a EJA. Os autores mencionados no texto destacam essa contribuição no processo de ensino desse público específico, ressaltando as metodologias ativas como uma aproximação maior entre os conteúdos abordados nas escolas e a realidade dos estudantes da EJA. Ademais, os autores pontuam que as metodologias ativas promovem a participação consciente e responsável dos alunos na sala de aula.

Portanto, faz-se necessário que os educadores estejam familiarizados com essas metodologias e sejam capacitados, para que possam adaptá-las às características dos educandos. Assim, poderão contribuir para a superação de possíveis desafios e dificuldades de aprendizagem, proporcionando um ensino mais contextualizado e amplo, favorecendo a inclusão e reintegração dos educandos.

Os sujeitos da modalidade EJA, que foram privados do direito à escola e esquecidos pela sociedade, têm o direito do acesso a uma educação de qualidade, garantido pela legislação brasileira. Como foi mencionado no texto, existem abordagens e metodologias que podem facilitar a alfabetização e a formação integral dos sujeitos da EJA, para que seja uma experiência proveitosa e de qualidade, já que muitos educandos trabalham e estudam, além de cuidar da própria família. Para isso, é fundamental, portanto, que os docentes sejam comprometidos com abordagens pedagógicas criativas e metodologias inovadoras, que contribuam para que os educandos desenvolvam a sua autonomia, a partir de um processo de ensino e aprendizagem libertador.

Referências

ARROYO, Miguel. **Passageiros da Noite do Trabalho para EJA**: Itinerários pelo direito de uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BERBEL, Neusi. **As Metodologias Ativas e a Promoção da Autonomia dos Estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIL, Antonio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MELO, Elizete. **Metodologias Ativas na Educação de Jovens e Adultos: Concepções e Possibilidades Formativas**. 2022, p. 21. Dissertação (Especialização) – Curso de Educação e Trabalho Docente. Trindade, GO. 2022

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: Aproximação Jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015.

OLIVEIRA, Maxwell. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

SILVA, Joseli; SILVA, Vitória; SILVA, Fabiana. **Metodologias ativas na educação de jovens e adultos**: um estudo bibliográfico. Revista Vox Metropolitana, Jaboatão dos Guararapes, PE. n. 5, ago. 2021.

SOUZA, Samir Cristino; DOURADO, Luís. **Aprendizagem Baseadas em Problemas (ABP)**: Um Método de Aprendizagem Inovadora para o Ensino Educativo. Ribeirão Preto - SP: Holos Editora, vol. 5. p. 182-198, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrermos os capítulos reunidos neste e-book, constatamos com alegria e esperança que, apesar dos desafios que permeiam a educação na sociedade brasileira, há jovens comprometidos com a prática educativa e o papel transformador da escola e da Educação de Jovens e Adultos. Os autores e autoras, licenciandos e licenciandas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, a partir da disciplina Educação de Jovens e Adultos, revelam o potencial crítico e reflexivo de uma geração que acredita na educação como direito universal e caminho para a transformação social. Reconhecemos, portanto, o valor de investir na capacidade dos/as futuros/as educadores/as em construir conhecimentos significativos, especialmente quando incentivados a refletir sobre as questões sociais e econômicas que moldam o cotidiano dos estudantes da EJA.

Esse trabalho docente, ao estimular a produção de saberes na formação inicial, ganha sentido ao promover o protagonismo acadêmico e intelectual dos/as licenciandos/as, futuros/as pedagogos/as. Ao serem incentivados/as a pesquisar e escrever a partir de suas próprias vivências e contextos, os/as estudantes vivenciam a experiência de se tornar autores e autoras, alimentando o ciclo contínuo de construção do saber que fortalece uma instituição educativa, especialmente uma licenciatura voltada à formação de pedagogos/as comprometidos/as com as diferentes áreas do conhecimento e com a transformação da realidade educacional.

Este e-book, portanto, é fruto do compromisso e do envolvimento dos/as licenciandos/as com a Educação de Jovens e Adultos, revelando o poder transformador de uma educação escolar crítica e sensível que acolhe, respeita e empodera seus sujeitos. Ao promover o protagonismo desses/as futuros/as educadores/as, o e-book se estabelece como uma contribuição significativa para o pensamento e a prática pedagógica na/da EJA. Esperancemos!!!

SOBRE OS ORGANIZADORES

Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo



Professor efetivo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Dr^a Josefina Demes, Floriano-PI. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE - Campus Agreste). Possui Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Docência do Ensino Superior. Também é Licenciado em Filosofia, Especialista em Filosofia, Especialista em Hermenêutica Bíblica e Bacharel em Teologia. Dedica-se aos estudos sobre o pensamento freireano, Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos, Educação em Movimentos Sociais, Educação do Campo, Prática Pedagógica Educador-Educando, Educação intercultural e Formação de Professores. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades - GEPIFHRI/ UFPE/ CNPq. Também é membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo e Quilombola - GEPECQ/ UFPE/ CNPq.

Tyago Henrique Alves Saraiva Cipriano



Educador e pesquisador com foco em ensino de Ciências Biológicas e inclusão educacional. Doutorando e mestre em Biologia Celular e Molecular Aplicada pela Universidade de Pernambuco (UPE), onde investiga temas como a genotoxicidade de ecossistemas aquáticos, utilizando modelos experimentais em suas pesquisas. Graduado em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI) e em Pedagogia pela UNIFAVENI, possui também especializações em LIBRAS e Psicopedagogia, com experiência em práticas inclusivas. Atualmente professor efetivo na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Desenvolveu projetos educacionais que integram atividades práticas e modelos didáticos para facilitar o aprendizado de biologia, promovendo a interdisciplinaridade e a inclusão. Possui experiência em orientação e avaliação acadêmica, contribuindo para a formação de futuros professores, enfatizando a aplicação de metodologias inovadoras e inclusivas no ensino.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Capítulo 01

Do lar até a escola: a Educação de Jovens e Adultos como um espaço-tempo para o empoderamento das mulheres



Darlane Santos Silva

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano - PI.



Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Professor efetivo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano - PI.

Capítulo 02:

O percurso da Educação de Jovens e Adultos ao longo da história educacional brasileira



Annalice Feitosa de Oliveira

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Angical - PI.



Verônica Matos da Silva

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Guadalupe - PI.

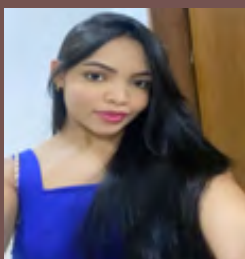
Capítulo 03:

As contribuições da pedagogia freireana para a práxis pedagógica dos/as professores/as da EJA



Gabriel Freitas Soares

Licenciando em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Amarante - PI.

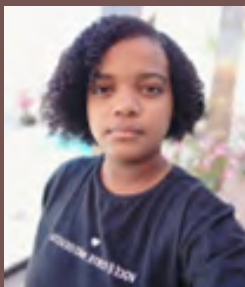


Vanessa da Silva Sousa

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano - PI.

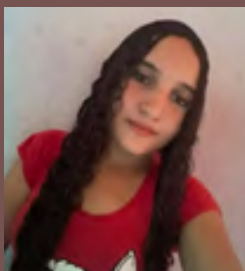
Capítulo 04:

Formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)



Iana Rodrigues do Nascimento

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano – PI.



Jacikely de Sousa Silva

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Oeiras - PI.

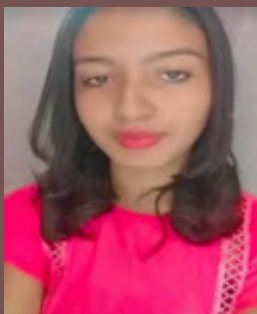


Marcilene Guimarães Carvalho

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Barão de Grajaú - MA.

Capítulo 05:

A prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos



Jocimara Costa de Sousa

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano - PI.

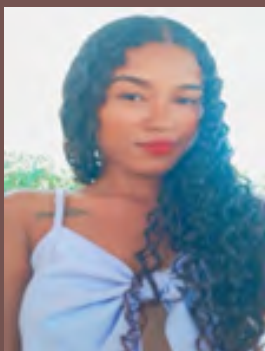


Maristânia da Costa Carvalho Souza

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano - PI.

Capítulo 06:

Os desafios enfrentados pelos docentes na Educação de Jovens e Adultos



Hemily Tainara da Costa Duarte

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano - PI.



Jasminy Graicianny Alves Vieira

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus Dr^a Josefina Demes*, Floriano - PI.
Floriano - PI.

Capítulo 07:

As Metodologias Ativas na prática docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA)



Deisiany Marques Lima

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus* Dr^a Josefina Demes, Floriano - PI.
Floriano - PI.



Lucineide Castro Rocha

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual Do Piauí (UESPI), *Campus* Dr^a Josefina Demes, Floriano - PI.
Marcos Parente - PI.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:

PERSPECTIVAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

www.arcoeditores.com
contato@arcoeditores.com
(55)99723-4952

